

# ELA NÃO QUIS

app-book ilustrado de relatos

---

## **Autoras**

Beatrice dos Santos Menezes  
Camila Mogyca Magalhães  
Jéssica Mastrela Matias

## **Orientador**

Nicolás Andres Gualtieri

 **UFG** Fav

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DIGITAL DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL – RI/UFG**

**Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso**

Autor(es): Beatrice dos Santos Menezes, Camila Mogyca Magalhães, Jéssica Mastrela Matias	
E-mail: <a href="mailto:bia.smenezes@hotmail.com">bia.smenezes@hotmail.com</a> , <a href="mailto:ccamilamogyca@gmail.com">ccamilamogyca@gmail.com</a> , <a href="mailto:j.mastrela98@gmail.com">j.mastrela98@gmail.com</a>	
O(s) e-mail(s) pode(m) ser disponibilizado(s) na página? ( x ) Sim ( ) Não	
Título do trabalho: Ela não quis: app-book ilustrado de relatos	
Palavras-chave: Design editorial; Feminismo; Violência de gênero	
Título em outra língua: <i>She didn't want to: illustrated story app-book</i>	
Palavras-chave em outra língua: Editorial design; Feminism; Gender violence.	
Data da defesa: 06/12/2018	Curso: Bacharelado em Design Gráfico
Orientador (a): Nicolas Andres Gualtieri	

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional - RI/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? ( ) Sim ( x ) Não

Permitir modificações em sua obra?

( ) Sim

( ) Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença .

(x) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Goiânia 12 de Dezembro de 2018.

*Beatrice dos S. Menezes Camila Mogyca Magalhães Jéssica Mastrela*  
Assinatura do(s) autor(es) e/ou detentor(es) do(s) direitos autorais

# **ELA NÃO QUIS**

**app-book ilustrado de relatos**

Goiânia-GO  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Menezes, Beatrice dos Santos

Ela não quis [manuscrito] : app-book ilustrado de relatos / Beatrice  
dos Santos Menezes, Camila Mogyca Magalhães, Jéssica Mastrela  
Matias. - 2018.

CIX, 109 f.: il.

Orientador: Prof. Nicolas Andres Gualtieri.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Design  
Gráfico, Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, símbolos, gráfico.

1. Design editorial. 2. Feminismo. 3. Violência de gênero. I.  
Magalhães, Camila Mogyca. II. Matias, Jéssica Mastrela. III. Gualtieri,  
Nicolas Andres, orient. IV. Título.

CDU 745/749

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO**

**BEATRICE DOS SANTOS MENEZES  
CAMILA MOGYCA MAGALHÃES  
JÉSSICA MASTRELA MATIAS**

**Ela não quis:  
app-book ilustrado de relatos**

Trabalho de conclusão de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Design  
Gráfico da Faculdade de Artes Visuais (FAV)  
da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 6 de Dezembro de 2018, pelos seguintes membro da banca:



---

Nicolas Andres Gualtieri – Orientador  
Universidade Federal de Goiás



---

Ana Paula Neres de Santana Bandeira – Avaliadora  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás



---

Wagner Bandeira da Silva – Avaliador  
Universidade Federal de Goiás



*A todas as mulheres, em especial a  
Viviane Alves Mastrela, Sônia Mª dos  
Santos Menezes e Nadja Susana Magyca  
Leandro pelo cuidado e carinho que nos  
dedicaram mesmo em meio a tantas  
funções que tiveram que cumprir ao  
longo de suas vidas.  
Aprendemos com vocês a sermos  
mulheres fortes e livres.*



## **Resumo**

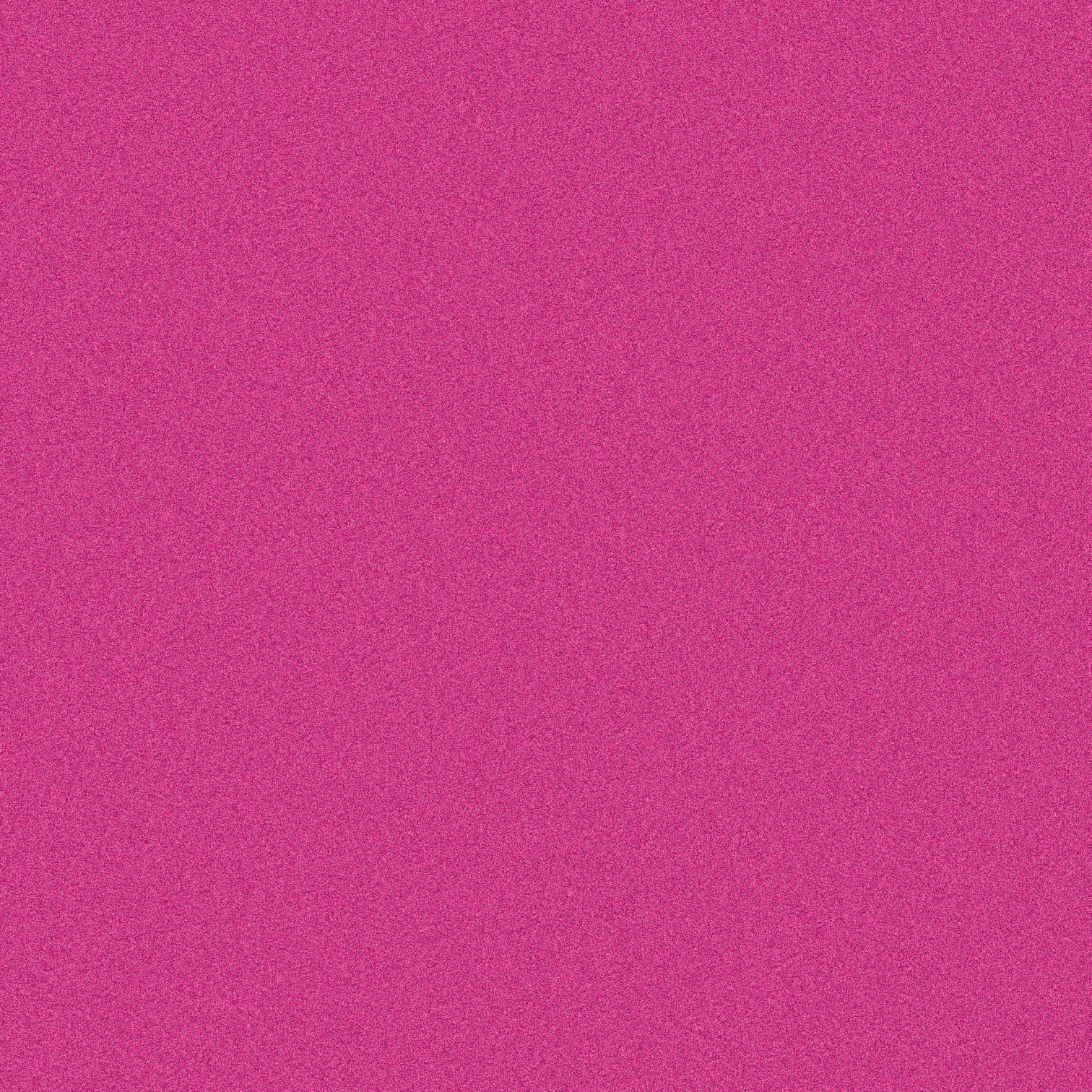
O presente trabalho de conclusão de curso propus criar um app-book ilustrado com relatos de violência de gênero ocorridos dentro da Universidade Federal de Goiás. Para isso, foram definidos conceitos sobre feminismo, violência (contra a mulher e de gênero) e proposta uma solução gráfica na construção de um livro digital que possibilitasse o uso de recursos multimídia, audiovisuais e ilustrativos, oportunizando sua utilização como ferramenta de ensino e que, ao mesmo tempo, contribua para visibilidade do assunto no contexto universitário. A partir da base conceitual obtida desenvolveu-se o app-book “Ela não quis”. Para desenvolver o projeto foi utilizando o processo metodológico de Munari, análises de cunho estético e funcional para delimitar as diretrizes gráficas do projeto que apropria-se das técnicas de colagem e animação.

**Palavras-chave:** Design editorial; Feminismo; Violência de gênero.

## **Abstract**

The present work of course conclusion proposed to create an app-book illustrated with reports of gender violence occurring within the Federal University of Goiás. For this, concepts were defined on feminism, violence (against women and gender) and proposed a solution graphic design in the construction of a digital book that would allow the use of multimedia, audio-visual and illustrative resources, allowing its use as a teaching tool and, at the same time, contribute to the visibility of the subject in the university context. From the conceptual basis obtained was developed the app-book "She did not want". To develop the project was using the methodological method of Munari, analyzes of aesthetic and functional to delimit the graphic guidelines of the project that appropriates the techniques of collage and animation.

**Keywords:** Editorial design; Feminism; Gender violence.



## **SUMÁRIO**

### **CAPÍTULO 1**

Objetivos	<b>14</b>
Justificativa	<b>15</b>
Identificação do método	<b>17</b>

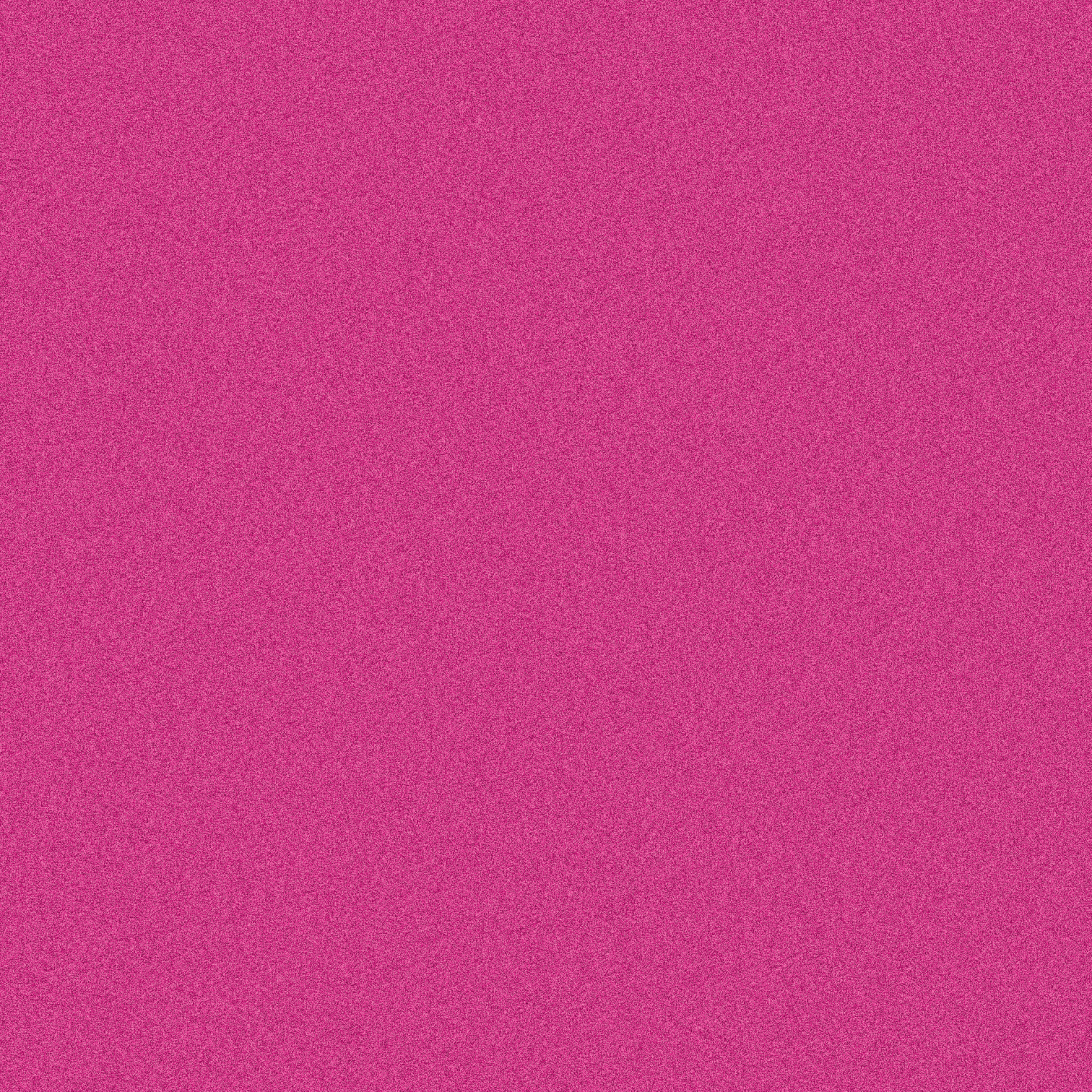
### **CAPÍTULO 2**

Violência contra a mulher x Violência de gênero	<b>24</b>
Breve relato da trajetória do feminismo ocidental e do caso brasileiro	<b>27</b>
<i>Coletivos feministas: a união das mulheres</i>	<b>33</b>

A violência contra a mulher no âmbito acadêmico	43
<i>A situação vivida pela comunidade da UFG</i>	47
<b>CAPÍTULO 3</b>	
Navegabilidade	54
Grid	60
Tipografia	62
Identidade Visual	67
Ilustração	72
Animação	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	81
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	87
<b>ANEXOS</b>	97



# CAPÍTULO 1



**E**ste projeto tem como tema a violência de gênero dentro de instituições de ensino superior. Uma reflexão sobre a mulher e seu papel no contexto universitário é colocada em pauta, no intuito de gerar um espaço onde se possa dialogar a respeito das dificuldades encontradas, assim como também gerar uma solução de design, aliada ao feminismo e às questões de gênero, para que cada vez mais possa ser fortalecida a presença da mulher nesse ambiente. O recorte deste trabalho se dá na Universidade Federal de Goiás (UFG) onde, nos últimos 3 anos, as denúncias de assédio moral e sexual têm ganhado visibilidade. Para melhor compreensão da atual situação vivida pela comunidade da UFG, estudos sobre a violência praticada contra a mulher e a violência de gênero serão explanadas nos capítulos seguintes, tendo também como foco uma análise a respeito da forma com que o tema é tratado dentro das universidades no Brasil. Para tal, desenvolveu-se um aplicativo interativo, ilustrado,

multimídia, contendo definições necessárias para abordar a temática de violência (contra a mulher e de gênero), indicações de apoio, leitura e suporte além de apresentar relatos de mulheres vítimas da violência de gênero na UFG, na expectativa de contribuir para o desenvolvimento da compreensão da realidade vivenciada no contexto universitário atual. Espera-se que esta plataforma seja utilizada de maneira didática e contribua para gerar consciência nos contextos educacionais.

Ainda, dentro das questões de design, foram traçadas diretrizes que abordam questões a respeito do design de informação, sendo ele a base para gerir as demais ferramentas utilizadas na criação do produto gerado ao fim do projeto. Os recursos multimídias também serão apresentados, e assim, conceitos sobre *motion*, animação e *layout* serão melhor detalhados adiante. O recurso da ilustração também foi amplamente explorado, uma vez que decidiu-se pelo uso da técnica de colagem e de desenho como as principais formas de expressão visuais a serem aplicadas neste projeto.

## Objetivos

Tendo em vista o panorama apresentado acima, o **objetivo geral** deste projeto foi trabalhar a questão da violência de gênero<sup>1</sup> no contexto acadêmico e a criação de um dispositivo que dissemine informações e relatos acerca

<sup>1</sup> Ver capítulo 2.2

desse tema. Tendo como recorte a Universidade Federal de Goiás, pretende-se também contribuir com o movimento feminista na Universidade.

Elenca-se abaixo os **objetivos específicos** que pretendeu-se alcançar ao longo do trabalho:

- Realizar uma coleta de relatos de alunas e funcionárias da UFG que passaram por alguma situação de violência dentro da instituição;
- Criar um aplicativo das histórias coletadas, para construir narrativas interativas e empática, através do uso de ilustrações e animações;
- Explorar as possibilidades narrativas da ilustração por meio da técnica de colagem;
- Realizar um estudo do estado geral de abusos e assédio contra mulheres dentro da Universidade;
- Contribuir na campanha de combate ao assédio sexual criada pela Comissão Permanente de Acompanhamento de Denúncias e Processos Administrativos Relacionados à Questões de Assédio Moral, Sexual e Preconceito.

## Justificativa

Como estudantes do gênero feminino, passamos por uma série de dificuldades que nos fizeram repensar nossa vivência dentro da

universidade. Como a falta de representatividade tanto no corpo docente, que é composto por uma quantidade ínfima de mulheres, quanto na grade curricular do curso de Design Gráfico, é perceptível que o trabalho e relevância da mulher na história e desenvolvimento do design é minimamente reconhecido.

Tendo em vista esse cenário, passamos a repensar os nossos papéis enquanto estudantes e profissionais da área do design, buscando encontrar maneiras de contribuir com as causas feministas dentro da universidade. Percebemos que o ambiente acadêmico, muitas vezes, se apresenta como um espaço que pode ser hostil, de poucas oportunidades e escassa valorização da mulher, caracterizando-se assim um cenário de violência, assédio e abusos contra mulheres cotidianamente.

Como já mencionado, essa questão da violência de gênero tem ganhado maior visibilidade, intensificando, nos últimos anos, as discussões a respeito do tema e provocando uma mobilização mais forte das *manas*<sup>2</sup> junto à reitoria<sup>3</sup>.

Com isso percebemos que a comunidade acadêmica demonstra-se despreparada para lidar com essa situação, tendo em vista a falta de informações que possam caracterizar e prevenir a violência de gênero dentro da instituição. É importante salientar que, graças às

2 O termo "*mana*" será utilizado para definir e nomear mulheres e/ou grupos citados dentro do projeto. Tal uso é frequente dentro dos grupos feministas e possui um significado que denota irmandade.

3 Vide as manifestações de 2016.

reivindicações das estudantes, a UFG está tomando algumas medidas para remediar esse *gap informacional*<sup>4</sup>.

Para somar forças a essas medidas, decidimos disseminar informações a respeito do tema através de relatos de mulheres pertencentes à comunidade acadêmica da UFG, que sofreram algum tipo de violência de gênero e apresentar estatísticas reais dessa violência, cujos dados obtivemos através da Coordenação de Processos Administrativos (CDPA), com a ajuda do técnico administrativo José Adriano de Carvalho.

A forma que encontramos no design para concretizar essa disseminação foi propor a criação de um material interativo, de baixo custo, de fácil acesso e que dialogue com o público a que se destina; a comunidade acadêmica. O dispositivo que julgamos atender a esses requisitos é um aplicativo.

## Identificação do método

O presente projeto faz uso de um levantamento de dados conceituais, históricos e estatísticos para compreender os assuntos aqui propostos no que diz respeito ao feminismo e à violência de gênero, e com isso estabelecer conexões entre as questões levantadas e as ferramentas do design gráfico. Para tal, realizou-se uma pesquisa do tipo

4 Aqui a expressão *gap informacional* refere-se à falta de informações acerca do que é a violência de gênero e como preveni-la.

coleta bibliográfica em livros, artigos, manuais, dicionários, anais, revistas, etc. Quanto aos assuntos específicos da área de design gráfico, foi também realizada uma pesquisa de mesmo tipo, bibliográfica, a fim de consolidar as bases teóricas para a realização do produto final.

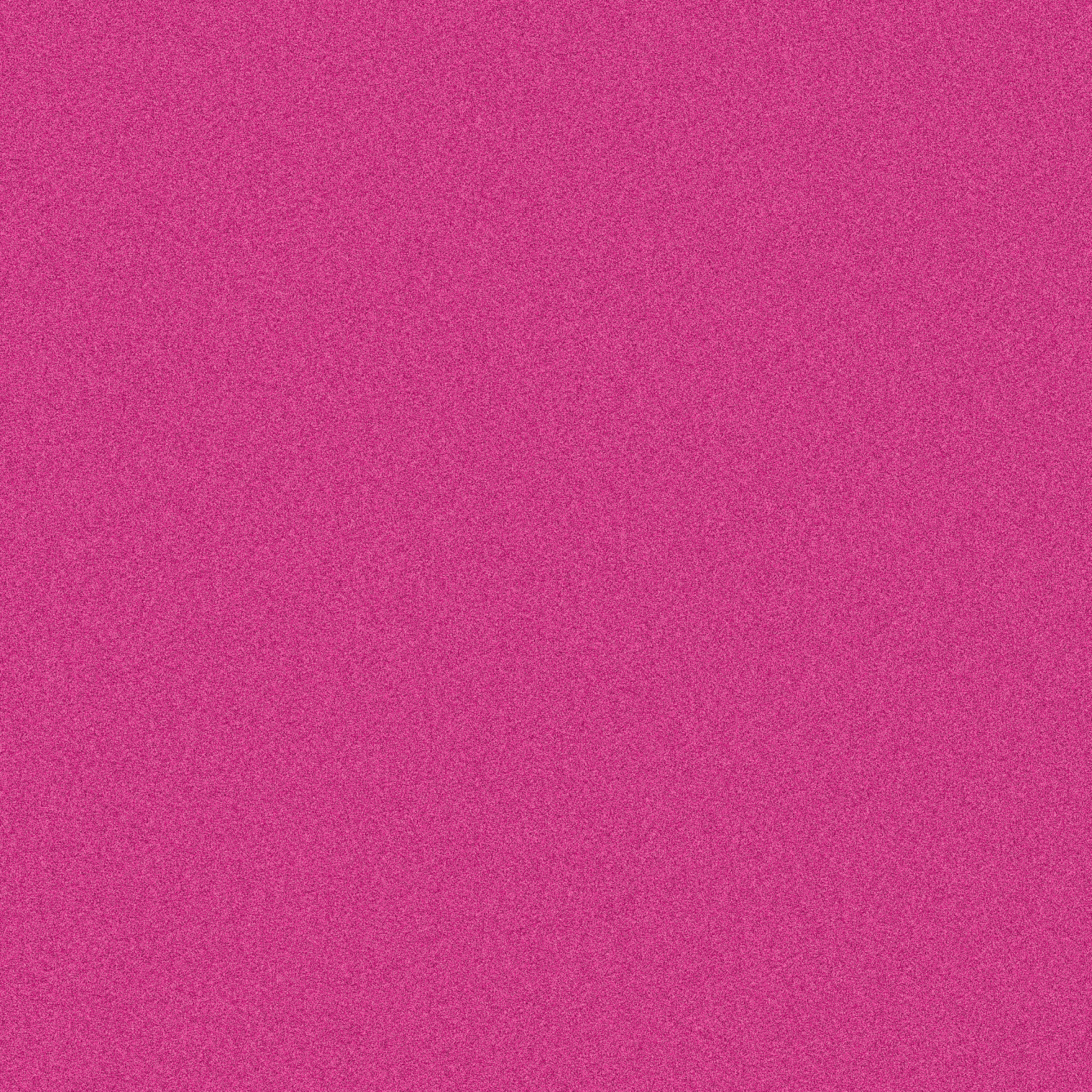
A relevância da pesquisa bibliográfica é reforçada pelos Professores Mauri Luiz Heerdt e Vilson Leonel no livro didático “Metodologia Científica e da Pesquisa” (2007), ao afirmarem que “A realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para que se conheça e analise as principais contribuições teóricas sobre um determinado tema ou assunto”.

Aliado à pesquisa bibliográfica, foi realizado também um estudo de campo<sup>5</sup> junto aos grupos e coletivos feministas de Goiânia, e do mesmo modo com os órgãos da Universidade Federal de Goiás, responsáveis por lidar com as situações de violência de gênero da instituição. Realizada esta primeira instância de pesquisa a respeito dos conceitos empregados ao longo do projeto e de peças específicas que atendem ao estado da arte, deu-se continuidade à utilização de um método projetual para concretização do aplicativo. Nesse aspecto, destacaram-se o *Método e Processo Criativo* de Andreia Bordoni e Gómez Luiz Vidal aliado ao Método de Bruno Munari para orientar o desenvolvimento projetual na escolha dos recursos e as decisões de design.

5 O estudo de campo é um tipo de pesquisa que procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizado por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes que captam as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade. (HEERDT & LEONEL, 2007, p. 83)



## CAPÍTULO 2



**A**final, o que significa violência? De que maneira pode ela contribuir para agravar o debate a respeito da luta pelos direitos iguais entre homens e mulheres? Como ela se instaura em um contexto acadêmico? Essas questões têm em vista, a compreensão do conceito de violência; tornam-se necessárias para uma melhor elaboração crítica conceitual do projeto. Analisada em uma primeira instância, a palavra violência denota um sentido objetivo e claro, de acordo com o dicionário do Google (2018):

Violência: *substantivo feminino*. 1. qualidade do que é violento. “a v. da guerra”. 2. ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento. “derrubou a porta com v.”. 3. exercício injusto ou discricionário, ger. ilegal, de força ou de poder. “a v. de um golpe de Estado”. 4. força súbita que se faz sentir com intensidade;

fúria, veemência. “a v. de um furacão”. 5. *jur* constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação. 6. *p.ext.* cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania. “viver num regime de v.”.

Temos portanto a violência caracterizada pelo ato do uso da força ou poder contra alguém para gerar danos. O dicionário apresenta-se como um instrumento de consulta, sintetizando e normatizando saberes específicos, não abrindo espaços para contradições (MOREIRA, 2012). Porém, torna-se necessário ampliar o sentido dado a essa palavra, a fim de explicar de maneira mais completa a forma com que se configura a violência em relação à mulher.

Em “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil”, as autoras Cecília Santos e Wânia Izumino (2005 apud CHAUÍ, 1985) afirmam que a violência se configura como uma ação potencializadora das desigualdades hierárquicas<sup>6</sup>, visando sempre pela dominação, exploração e opressão da mulher. Paralelamente, Marcia Tiburi, em “Feminismo em comum: para todas, todes e todos” (2018), demonstra historicamente como essa desigualdade hierárquica se constituiu e como a violência contra a mulher se tornou uma construção social, da qual homens e mulheres são reféns:

6 Entende-se como desigualdade hierárquica a ideia de diferenciação entre o “feminino” e o “masculino”. Neste contexto, o discurso masculino naturaliza a “condição feminina”, colocando as manas no papel de mães e donas do lar. Tal ideia está fundamentada no patriarquismo, ideologia machista que constrói homens para dominar e mulheres para obedecer ao “poder do macho” (SANTOS; IZUMINO, p. 149 e 150, 2005).



Figura 1 • Mulheres da Grécia antiga. Crédito • Autoria não identificada.

Na equação política de Aristóteles, *Pólis* é a cidade-Estado e *Óikos*, o território da casa. O primeiro é reservado aos homens e o segundo, às mulheres, aos escravos e aos animais. Economia é um termo que tem na origem a palavra *óikos*, do mesmo modo que política vem de *pólis*. As bases da separação entre público e privado estão dadas aí e correspondem à diferença entre gênero e classes, bem como cultura e natureza. [...] Assim se constituiu o reino da democracia ateniense ocupados pelos homens na *ágora* que é, justamente, o espaço público do encontro entre cidadãos. No espaço da casa, há o trabalho, a procriação e a sustentação organizada da vida (TIBURI, p. 105, 2018).

Compreende-se ainda com Marcia Tiburi que, desde os primórdios da Grécia clássica, a separação entre o público e privado coloca homens e a mulheres em posições sociais divergentes, assim como também denota que “o reino do público se define pela ordem do poder e o reino do privado pela ordem da violência”. É de conhecimento geral que a violência contra a mulher é, em grande parte, categorizada como violência doméstica, mas não somente se deve reconhecer esse tipo de violência praticada contra as *manas*, assim como também é importante ressaltar que uma das causas do movimento feminista é a conscientização da violência que ocorre tanto dentro quanto fora de casa (TIBURI, 2018).

### **Violência contra a mulher x Violência de gênero**

A partir dos anos 80 e por meio da influência dos debates realizados pelas norte-americanas e francesas da época, as feministas brasileiras traçaram novos rumos nos estudos acerca da violência contra a mulher. Passou-se a utilizar a palavra “gênero”, categorizando-se portanto como “violência de gênero” em vez de somente “violência contra a mulher” (SANTOS; IZUMINO, 2005). Ainda assim, a assimilação dos significados por detrás de ambas denominações geraram diferentes concepções a respeito do assunto, sendo portanto necessário traçar algumas definições.



Figura 2 • Greve das mulheres pela Igualdade (Women's Strike for Equality), em Nova York, 29 de agosto de 1970. Movimento que antecede as mudanças de pensamento em relação à violência contra a mulher. Créditos• Diana Daves.

O movimento feminista é responsável por apresentar um novo significado para o termo “gênero”. Foi através de muito debate que se desconstruiu o pensamento comum de que o órgão genital é intrínseco à natureza das mulheres e dos homens, formalizando portanto, a concepção dos sexos/corpos fora do âmbito biológico (BANDEIRA, 2014). Essa nova perspectiva justifica a violência contra a mulher nas diferenças sociais e no contexto histórico, ou seja, representa a ideia de que um corpo ou seu aparato biológico não devem ser responsáveis por determinar a condição social de uma pessoa (GIFFIN, 1994).

Logo, a definição de “violência contra a mulher” por si só não é o bastante para uma compreensão mais ampla e complexa a respeito do tema, pois ela pode ser interpretada apenas como “violência doméstica”, sendo que a dimensão da violência é enorme, podendo acontecer em diversos locais e de diferentes formas. Se observado o conceito criado pela socióloga Carme Alemany, citado em “Dicionário crítico do feminismo” (2009), que realiza um estudo a respeito da violência corporal, pode-se constatar que:

As violências praticadas contra as mulheres devido ao seu sexo assumem múltiplas formas. Elas englobam todos os atos que, por meio de ameaça, coação ou força, lhes infligem, na vida privada ou pública, sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos com a finalidade de intimidá-las, puni-las, humilhá-las, atingi-las na sua integridade física e na sua subjetividade.

Por isso, compreender a violência contra a mulher como uma violência também de gênero, é aceitar que historicamente se reproduziu a ideia, tanto por homens quanto por mulheres, de que essa violência coloca a mulher em uma situação inferior à do homem, configurando a mulher como um ser sem autonomia e liberdade (SANTOS; IZUMINO, 2005 apud CHAUÍ, 1985).

## Breve relato da trajetória do feminismo ocidental e do caso brasileiro

De acordo com o “Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa” (2000) Feminismo é um “Movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos do homem”. Essa definição revela-se insuficiente para a compreensão ampla e mais aprofundada do movimento que este trabalho busca.

O conceito de feminismo, de acordo com Soares (1994), é entendido como a ação política das mulheres, englobando teoria, prática e ética. A autora reconhece as mulheres, historicamente, como sujeitos da transformação de sua própria condição social. Esse movimento propõe que as mulheres transformem a si mesmas e ao mundo, expressando-se em ações coletivas, individuais e existenciais, seja na arte, na teoria e na política.

Consensualmente o feminismo é compreendido, na atualidade, como um movimento múltiplo, filosófico, teórico, político e prático-social que assume as diferenças entre homens e mulheres e suas diversas vivências, e procura garantir que o tratamento dado a ambos seja não igual, mas equivalente (BUTLER, 2000; NARVAZ & KOLLER, 2006; SWAIN, 2001).

O movimento feminista se divide ao longo do tempo em “ondas feministas” (COSTA, 2002), que se constroem e desconstroem a partir

do *feminismo original*<sup>7</sup>, de acordo com as necessidades do contexto histórico, social, político e geográfico. Historicamente é possível observar três grandes ondas feministas. A primeira configura o próprio surgimento do feminismo e da luta de mulheres pela igualdade de direitos civis e políticos que eram reservados aos homens (NARVAZ e KOLLER, 2006). É em meio às Revoluções Francesa e Americana, somadas às ideias iluministas que surge a primeira onda feminista.

Neste período as mulheres eram explicitamente excluídas do mundo social e político, tendo seus direitos negados por suas constituições, que proibiam a participação feminina na política (KARAWAJCZYK, 2014). Segundo Silva (2009), nessa época a condição do estatuto social das mulheres europeias se equiparava ao dos escravos. A luta feminista da primeira onda encontra seu ápice no movimento sufragista<sup>8</sup>, que toma como prioridade a luta por direitos políticos, especialmente o direito ao voto, que deixou de ser apenas “[...]simbólico e passou a ser visto como a chave para grandes mudanças [...]” (KARAWAJCZYK, 2014, p. 70).

A segunda onda se desenrola nas décadas de 1960 e 1970, tendo destaque nos Estados Unidos e na França. Do lado norte americano encontrava-se o “feminismo da igualdade” que, como o nome sugere,

7 O feminismo original refere-se às primeiras ideologias reconhecidas como base conceitual do movimento feminista.

8 O movimento sufragista surgiu no século XIX, ocorrendo na Inglaterra e Estados Unidos. As mulheres da época lutavam pelo direito ao voto.

lutava pela igualdade de direitos. Em contrapartida, do lado francês, estava o “feminismo da diferença” que enfatizava as diferenças entre homens e mulheres e a negligência da experiência feminina (BLAY, 2003; BUTLER, 2000).

A terceira onda feminista nasce como um desdobramento do conflito entre os discursos de igualdade e diferença da segunda onda, e concentra-se “na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade” (NARVAZ & KOLLER, 2006, p. 646). É a partir deste momento que o estudo das relações de gênero entra em destaque.

Em primeira instância, o caso brasileiro difere do ocorrido em outros países devido às circunstâncias históricas do contexto específico. Em 1879, por meio Decreto nº 7.247, de 19 de abril, no Brasil as mulheres são autorizadas a cursar o ensino superior. Quanto a isso, faz-se importante lembrar que:

“[...] o Brasil é um dos países pioneiros tanto na concessão do voto para as mulheres na América Latina quanto no debate sobre ele no Parlamento. [...] as discussões sobre a possibilidade de se estender o voto para as brasileiras já ocorreram no final do século XIX, durante a feitura da carta constitucional republicana, em um momento em que o voto para as mulheres não era concedido em lugar algum do mundo.” (KARAWEJCZYK, 2014, p.70)

Figuras 3 e 4 • À esquerda matéria publicada no jornal "A Noite" (Ano 1912\Edição 00417 -1) a respeito da Professora Leolinda Daltro, fundadora do partido republicano feminino, à direita charge<sup>9</sup> publicada na revista "O Malho" (Ano 1911\Edição 0435- 1). Créditos • Hemeroteca Digital Brasileira



Em 1932 as mulheres finalmente conquistam o direito ao voto. De acordo com o novo *Código Eleitoral*, poderiam votar as solteiras e viúvas com renda própria e mulheres casadas com permissão do marido. Essas restrições foram extinguidas em 1934 e, por fim, qualquer mulher independentemente de sua renda ou estado civil passam a ter esse direito.

9 Na imagem lê-se " -sou pela emancipação da mulher, pelo sufrágio das mulheres, etc, e desejava filiar-me ao nosso Partido Republicano Feminino; mas, como tenho que fazer, não posso tratar d'essas... bobagens!..."

Blay (2003) posiciona-se dizendo que no Brasil a Primeira Onda Feminista foi um movimento de mulheres de classe média e alta que tiveram acesso à educação e ao trabalho e se caracteriza especialmente por denúncias da tirania masculina nos casamentos, sendo um dos maiores problemas da época a “epidemia” de crimes passionais. Porém, fica esclarecido aqui que a Primeira Onda do Feminismo Brasileiro inicia-se no fim do século XIX quando começam as lutas e pressões para que as mulheres pudessem ter acesso à educação e aos direitos democráticos.

A Segunda Onda Feminista surge nas décadas de 60 e 70 que, no caso brasileiro, corresponde ao período de ditadura militar. Essa particularidade somada aos conflitos já mencionados da Segunda Onda, marcaram uma série de enfrentamentos internos no movimento. Em 1975 foi realizado o evento “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, patrocinado pelo centro de informação da ONU. Esse evento foi considerado por muitas mulheres como o marco fundador do feminismo de Segunda Onda no Brasil (PEDRO, 2006; PINTO, 2004).

Nesse período uma grande parte do movimento feminista estava entrelaçado aos grupos políticos de resistência à ditadura militar. Este poderia dividir-se em duas vertentes, a primeira, influenciada pelas práticas feministas norte americanas, configurava grupos de discussão e reflexão de mulheres que buscavam conscientizar e “ressignificar” o

papel da mulher em nível pessoal e cultural. Esses grupos eram compostos por mulheres da classe média e as reuniões ocorriam dentro de suas casas, onde decorriam estudos de textos e livros feministas (PEDRO, 2006, COSTA, 2002, PINTO, 2004).

A segunda vertente bebia das influências do movimento europeu e estava intimamente ligado ao Movimento Feminino pela Anistia.

“Nós, mulheres brasileiras, assumimos nossas responsabilidades de cidadãs no quadro político nacional. Através da história provamos o espírito solidário da mulher, fortalecendo aspirações de amor e justiça. Eis porque nós nos antepomos aos destinos da nação que só cumprirá sua finalidade de paz se for concedida anistia ampla e geral a todos aqueles que foram atingidos pelos atos de exceção. Conclamamos todas as mulheres no sentido de se unirem a esse movimento, procurando o apoio de todos que se identifiquem com a idéia da necessidade de anistia, tendo em vista um dos objetivos nacionais: a união da nação”. (trecho do manifesto do MFPA)

Dando continuidade a esta contextualização histórica, política e social de alguns dos principais conceitos tratados ao longo do nosso projeto, exemplificaremos alguns dos principais coletivos feministas, com destaques nos casos em que for possível para algumas peças gráficas que marcaram suas principais ações.

### *Coletivos feministas: a união das mulheres<sup>10</sup>*

Constitui parte característica do movimento feminista a organização de mulheres em grupos ativos, que se posicionam frente às questões relativas do universo feminino nos contextos sociais, individuais, políticos, históricos, acadêmicos, dentre outros, de acordo com as necessidades sociológicas do momento e da ideologia principal com que o grupo se identifica. Essas organizações podem ter caráter político-prático, e culminar na construção de partidos, ou manterem-se em uma perspectiva teórica, ainda que todo avanço teórico possa, indubitavelmente, influenciar as movimentações das práticas sociais.

Essa organização de mulheres em grupos ocorre também em diferentes escalas, podendo configurar coletivos feministas de pequeno porte, ou grandes congressos internacionais de mulheres em prol de uma causa.

A realização de encontros e conferências feministas também foram, como ainda são, grande catalisadores de mudanças para a realidade das mulheres ao redor do globo. No Brasil, algumas conferências se tornaram marcos para o movimento feminista, como o “I Encontro Nacional Feminista” ocorrido no ano de 1949, em Fortaleza, e também a palestra de 1975, “O Papel e o Comportamento da Mulher na Realidade Brasileira”.

Internacionalmente vale lembrar da “I e II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas”, quando foi decidida a data para a realização

<sup>10</sup> O critério de escolha dos coletivos feministas aqui apresentados parte do princípio de identificação que obtivemos ao longo da pesquisa com seus trabalhos e estéticas empregada.

do dia internacional da mulher (8 de março). Essas conferências tinham como um de seus principais focos a luta pela obtenção do direito ao voto, ligadas ao movimento sufragista.

#### » **Movimento Feminino pela Anistia**

O Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) não foi um movimento que se declarava feminista. O grupo não era vinculado a nenhum tipo de partido político, classe ou religião e foi inicialmente composto por 8 mulheres. O MFPA promovia a defesa da anistia geral e irrestrita e o protesto contra os atos de exceção (APERJ, 2018).

#### » **Partido Republicano Feminino**

O Partido Republicano Feminino (PRF) foi fundado em 1910 por um grupo de mulheres, encabeçado por Leolinda Daltro, quando mulheres não possuíam nenhum direito político. O partido era composto exclusivamente por mulheres e proibia a participação masculina pelo seu estatuto (KARAWEJCZYK, 2014). Uma das principais bandeiras do PRF era a busca pelo reconhecimento das mulheres como cidadãs plenas e dignas de participação política. A autora Céli Pinto comenta sobre a singularidade da criação do PRF dizendo: “Daí ser muito significativa a estratégia das mulheres não-detentoras de direitos políticos

de criar um partido e, dessa forma, se colocarem em uma arena onde as suas manifestações eram consideradas ilegítimas por não serem cidadãs dotadas de direitos.” (PINTO, 2003, p. 18).

## » Riot Grrrl



Figuras 5, 6 e 7 • Imagem do cartaz Riot Grrrl Convention (1992) e capas de Zines. Créditos • Riot Grrrl

Riot Grrrl foi um movimento político e cultural radical, criado pelas bandas de punk Bikini Kill e Bratmobile, na década de 90, nos Estados Unidos, em Olympia, no estado de Washington. Esse movimento surgiu devido à necessidade de um espaço em que as mulheres pudessem compartilhar experiências em comum que iam além de questões da marginalidade do cenário independente, chegando a questões como gênero, o machismo, a inferiorização das mulheres presentes na cena musical, assédio sexual e exclusão social, tendo o objetivo de apoiar

umas às outras, de subverter a dominação masculina do *underground* e criar sua própria cena. Elas utilizavam de zines, músicas, palestras e atividades de arte como ferramentas para a divulgação dessas percepções. Seu manifesto<sup>11</sup> foi escrito pela Kathleen Hanna (vocalista da Bikini Kill) na segunda edição da Zine Bikini Kill. A partir de uma convenção (Riot Grrrl Convention), esse movimento se espalhou pela América chegando ao Brasil em meados da década de 90.

### » See Red Women's Workshop

Figuras 8, 9 e 10 •  
Imagens de pôsteres  
produzidos em serigrafia.  
Créditos • See red  
women's workshop.



Criado por três ex-estudantes das artes nos anos 70, que se conheceram através de uma convocação feita pela revista feminina *Red*

<sup>11</sup> Documento disponível em Anexo 3.

Rag, para que mulheres se unissem e criassem grupos de combate às propagandas da época que figuravam a mulher de maneira negativa e sexista. Como foco, elas trabalhavam criando cartazes impressos em serigrafia, onde suas próprias experiências como mulheres tinham vazão, mas também havia espaço para a criação de pôsteres e outros materiais como calendários, para comunidades e grupos de causas sociais. O trabalho coletivo foi fundamental na expansão do grupo e o método de criação era bastante colaborativo, em que uma sempre ficava responsável pelo andamento do projeto, mas todas podiam opinar a respeito. Ao todo constata-se que quarenta e cinco mulheres passaram pelo coletivo (SEE RED, [200-?]).

### » Guerrilla Girls



Figuras 11 e 12 • Imagens de cartaz (150x340) e de integrantes da Guerrilla Girls em uma exposição em Londres. Créditos • Guerrilla Girls.

Guerrilla Girls é um grupo feminista de ativistas anônimas formado em 1985 em Nova York, após protestos em resposta a uma exposição no *Museum of Modern Art*. Elas utilizam máscaras de gorila

em suas aparições públicas para preservar o anonimato e manter o foco nos problemas: “usam fatos, humor e imagens ultrajantes para expor os preconceitos étnicos e de gênero, bem como a corrupção na política, na arte, no cinema e na cultura pop” (GUERRILLA GIRLS, 2018). As Guerrilla Girls realizaram mais de 100 projetos de rua, cartazes e adesivos em diversos lugares do mundo, além de fazerem projetos e exposições em museus criticando e atacando por mau comportamento e prática discriminatória, tratando das dificuldades de ser uma mulher artista em um universo da arte dominado predominantemente por homens.

### » Resistance is Female

Figuras 13 e 14 • Imagens de pôsteres aplicados em cabines telefônicas, em New York, 2017. Créditos • Fotos por Resistance is female e Luna Park, pôsteres criados por Vinz Feel Free e Gigi Chen.



Com uma ideia semelhante a do *See Red Women's Workshop*, o *Resistance is Female* trata-se da união de artistas feministas que transitam por New York, ocupando o espaço destinado à propaganda das cabines telefônicas, com suas intervenções artísticas que levam mensagens feministas para os transeuntes locais. O grupo foi criado em 2017 e acredita-se que, por meio desse trabalho coletivo, estavam conscientizando-se a respeito da luta feminista, além de também dar uma resposta à administração do governo Trump. A maioria dos cartazes são peças únicas pintadas à mão, onde quase sempre estão estampadas as frases “*resistance is female*” ou “*the future is female*”. Para fazer parte do projeto, as interessadas (e também homens que se sensibilizam com a causa) podem enviar suas propostas de pôsteres por e-mail, que posteriormente são escolhidos por votação online (CASCON, 2017).

#### » Deixa Ela em Paz

Este é um coletivo feminista brasileiro que se preocupa em combater o machismo e a discriminação de gênero por meio da criação de cursos gratuitos de intervenção urbana que visam transformar o espaço público em um local de atuação política e com melhores condições de vivência para as mulheres. Elas acreditam que essa transformação é capaz de combater as desigualdades de gênero, assim como proporcionar uma relação melhor das mulheres com a cidade. As oficinas (Circuito de Enfrentamento

Urbano - CEU para mulheres), também chamadas de laboratórios, têm a pretensão de rodar o Brasil, onde as participantes engajam-se em realizar um mapeamento das necessidades das mulheres no território em que vivem. Assim, cada realidade demanda diferentes atuações, cujos resultados refletem essa diversidade (DEIXA ELA EM PAZ, 2016).

Figuras 15, 16, 17 e 18 •  
Imagens de práticas da  
CEU vivenciadas em 2017.  
Créditos • Deixa  
ela em paz.



### » Frente Feminista Unificada Autônoma de Goiás<sup>12</sup>

A Frente Feminista Unificada Autônoma de Goiás é um grupo que se articula por meio de reuniões, manifestações e performances. É composto por mulheres de diferentes partes do Estado. Consideram-se como um grupo de apoio às mulheres, possibilitando espaços de reflexão e gerando informação para as demais. Atualmente apresentam sua performance intitulada de Ancestrais, onde as participantes demonstram e emanam

<sup>12</sup> Os dados a respeito da Frente Feminista foram obtidos por meio de conversas com o grupo e também pelo seu perfil de Facebook.

a sororidade, a força da mulher e o fim do patriarcado e do machismo. Também foram responsáveis pelo ato do 8 de Março - Goiás, umas das maiores manifestações em prol da mulher realizadas no Estado.



Figuras 19 e 20 • Ato 8 de Março - Goiás, ocorrido em Goiânia, 2018.  
Créditos • Júlia Aguiar.

### » Coletivo Pagu<sup>13</sup>

Criado em 2014 por alunas da Faculdade de Direito na Universidade Federal de Goiás (UFG), este coletivo vem se fortalecendo e se firmando enquanto grupo de práticas de estudos a respeito do feminismo. Rodas de conversa são marcadas para que se possa discutir a respeito de um texto já pré-estabelecido e assim elas têm conseguido criar um espaço de diálogo e reflexão a respeito da mulher na sociedade. Os encontros são sempre feitos por mulheres e para mulheres.

<sup>13</sup> As informações a respeito do Coletivo Pagu foram obtidas através de sua página pessoal no Facebook.

Figuras 21 e 22 -  
Identidade usada  
pelo Coletivo Pagu.  
Créditos - Rennan P.



Objetivando uma maior compreensão das preferências estéticas adotadas por coletivos e movimentos feministas, realizou-se uma análise de diferentes peças gráficas produzidas pelos mesmos. A partir desta análise foi possível observar algumas situações recorrentes tais como, o uso das cores preta e vermelha, as quais aparecem respectivamente em 90% e 60% das peças, e a aplicação do recurso de colagem assim como uma considerável apropriação da estética textual vernacular, ainda, a maioria das peças analisadas apresentaram textos majoritariamente em caixa alta. Além disso, a partir dessa mesma análise foram notadas as influências artísticas dos movimentos arte naïf, arte pop e construtivismo russo.

As informações levantadas nessa análise foram utilizadas como norte para as decisões estéticas e identitárias do projeto aqui desenvolvido, buscando assim manter uma conexão direta com o movimento feminista para além de seu conteúdo como também estendendo-a para sua instância formal de apresentação.



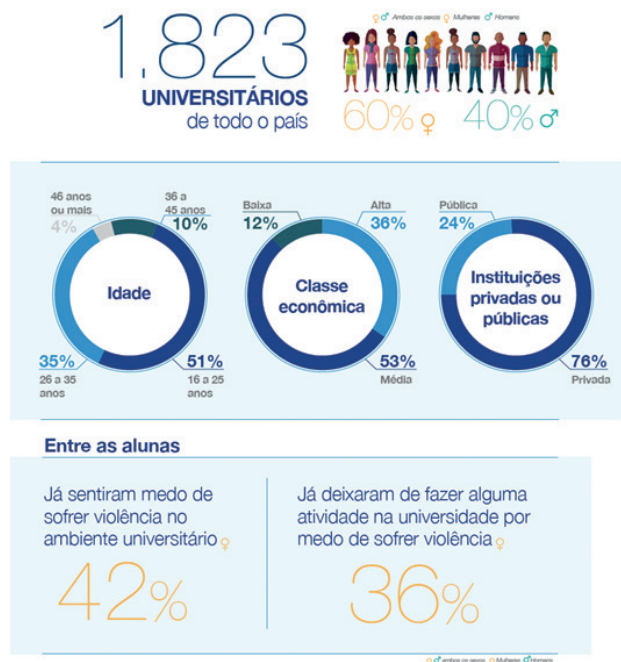
Figura 23 • Gráfico produzido a partir da análise de peças gráficas feministas. Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

## A violência contra a mulher no âmbito acadêmico

Dando continuidade ao nosso percurso, e depois de termos nos adentrado nos conceitos de violência, feminismo e nos posicionado histórica e politicamente nas lutas, movimentos e conquistas, propomos um recorte ainda maior contextualizando a violência em espaços acadêmicos e principalmente na nossa universidade.

Falar da violência no contexto acadêmico muitas vezes pode ser uma tarefa de difícil abordagem. Mas nos últimos anos, a violência e o assédio dentro das universidades vem ganhando considerável destaque. De acordo com uma pesquisa nacional desenvolvida pelo Instituto Avon em conjunto com o Data Popular, a “Violência contra mulher no ambiente universitário” (2015) aponta que este espaço crescentemente tem se tornado um lugar de medo para a mulher.

Figura 24 • Infográfico  
Violência contra a  
mulher no ambiente  
universitário.  
Créditos • Instituto  
Avon, Data Popular e  
FSB Comunicação.



O espaço físico das faculdades, tidos como um ambiente para educação, liberdade do pensamento e compartilhamento de saberes, acabou por se tornar um local mal iluminado, possui falta de segurança, o que oportuniza a exposição de comportamentos machistas e de violência de gênero (AVON/DATA POPULAR, 2015). Sabe-se que a violência dentro de um Campus pode ocorrer por meio de agentes externos, mas um dos fatores mais significativos mostrados pela pesquisa traz o foco para aquelas situações promovidas, especificamente, por homens que se constituem como colegas de sala, professores e funcionários técnicos administrativos.

Dentre as várias formas de violência praticadas contra a mulher na universidade, a pesquisa também constatou, através da ajuda de equipe de especialistas, coletivos feministas e também dos próprios estudantes, que seis tipos destacam-se mais, a saber: a. Assédio sexual, que ocorre por meio de comentário ou cantadas de cunho sexual e/ou tom agressivo; b. Coerção, caracterizando-se pela ingestão forçada de bebida alcoólica e/ou drogas, assim como também forçando a mulher a participar de atividades degradantes (como leilões e desfiles, comuns nos períodos de calourada); c. Violência sexual, quando ocorre o estupro ou a tentativa de toque sem o consentimento (bastante incidente em festas universitárias, com a vítima sob o efeito de álcool ou em situações em que a mulher é obrigada a beijar veterano); d. Violência física, que ocorre por meio do uso da força física; e. Desqualificação intelectual, em que se configuram em diminuição ou alvo de piadas ofensivas pelo fato de ser mulher; e,

por último, f. Agressão moral ou psicológica, quando ocorre a humilhação por parte dos professores e/ou alunos, categorizando-se como ofensa (exemplo: ser xingada por rejeitar cantada, imagens repassadas sem autorização, rankings de beleza, sexuais e outros sem autorização) (AVON/DATA POPULAR, 2015).

Figura 25 - Infográfico  
Violência contra a  
mulher no ambiente  
universitário.  
Créditos: Instituto  
Avon, Data Popular e  
FSB Comunicação.

### A maior parte quer atitude por parte das universidades



Os estudos do Instituto Avon, em parceria com o Data Popular (2015), ainda apontam que 10% das mulheres relatam de maneira concreta ter sofrido violência de um homem na universidade ou em situações de

festas acadêmicas, mas que quando confrontadas através de uma lista de tipos de violências, o número sobe para 67%. Além disso, 63% (mais da metade) das mulheres, sentem-se intimidadas e acabam por não reagir à situação de violência pela qual passaram. Porém, os dados também apontam que um sentimento de impunidade permeia a comunidade acadêmica em relação ao posicionamento das Universidades para com os casos, demonstrando a necessidade de se criar estratégias de combate à violência contra a mulher e de gênero dentro desse universo.

### ***A situação vivida pela comunidade da UFG***

Compreender a situação vivida dentro da comunidade da Universidade Federal de Goiás (UFG) tornou-se o ponto focal do projeto. Essa escolha dá-se devido aos casos de violência cometido contra a mulher dentro da universidade nos últimos 3 anos, conseqüentemente constatando-se a necessidade da criação de medidas preventivas para esse tipo de situação. Pode-se se dizer que essa trajetória de luta e de reivindicações se afirma significativamente no ano de 2016, cuja principal força motriz partiu da união de alunas que compõem a comunidade.

Como apresentado na Figura 4, esses casos tiveram grande repercussão e acabaram instaurando na UFG um sentimento de preocupação e insatisfação com o bem-estar das mulheres, parte daquela comunidade, fazendo com que uma série de manifestações ocorressem em prol de melhorias.

Figura 26, 27, 28 e 29 - Reportagens sobre casos de assédio contra a mulher dentro da UFG. Créditos: O Popular (2016, 2017 e 2018), G1 Goiás (2016).



Em junho de 2016 corre a ocupação da reitoria do Campus Samambaia - regional Goiânia, tendo sido considerada como a primeira ocupação feminista<sup>14</sup> do Brasil, realizada pelo grupo As Minas na Reitoria UFG. Esse movimento teve como pretexto a afirmação da criação de políticas e ações afirmativas para as questões de gênero e raça na UFG, exigindo a formulação de um espaço mais democrático e plural. Por meio delas, se criou as “Pautas de reivindicações da ocupação feminista da reitoria da UFG”<sup>15</sup>, que muito contribuiu para os avanços de medidas preventivas nos anos adiante.

14 Informação sujeita a atualização devido o ineditismo e a proximidade da data do acontecimento. No entanto, este dado é tido como verdadeiro pelos grupos de ocupação feminista As Minas na Reitoria UFG.

15 Documento disponível em Anexo 01.

No ano seguinte, em maio de 2017, é criada uma nova resolução através do Conselho Universitário (Consuni) da UFG. Nesse documento<sup>16</sup> são apresentadas normas e procedimentos a serem seguidos pela instituição em casos de assédio moral, sexual e qualquer forma de preconceito (FERNANDES, 2017). Com essa resolução, ocorre a criação da Comissão Permanente de Acompanhamento de Denúncias e Processos Administrativos Relacionados à Questões de Assédio Moral, Sexual e Preconceito, tendo sua primeira reunião realizada em Novembro do mesmo ano. Compõem essa comissão membros do gabinete da Reitoria, da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos (Prodirh); do Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Superior do Estado de Goiás (Sint-Ifes-GO); do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais de Goiás (Adufg); do Diretório Central dos Estudantes (DCE); da Associação de Pós-Graduandos da UFG; um membro da Coordenação de Processos Administrativos (CDPA); e um representante de cada uma das regionais fora de sede (CARVALHO, 2018).

A Comissão passa a exercer a função de executar campanhas educativas e de ações preventivas, como a da campanha #NãoÉNão!. Em uma conversa com a Prof<sup>a</sup> Vice-reitora Sandramara Chaves, foi-nos relatado que, de modo crescente, aquele colegiado tem buscado pensar

16 Documento disponível em Anexo 02.

e implementar formas de esclarecer e melhorar os processos relacionados às questões de assédio e preconceito na UFG.

Figura 30 e 31 - Peças gráficas criadas para a campanha #NãoÉNão! contra o assédio sexual na UFG, 2018. Créditos: Ascom/UFG.

**#NÃOÉNÃO!**  
**ENTENDEU?**  
Assédio sexual é crime.

**Denuncie:**  
Ouvidoria da UFG: ouvidoria.ufg.br (62) 3521-1149

**Delegacia da Mulher:**  
Goiânia: (62) 3201-2801  
Catalão: (64) 3441-1604  
Jataí: (64) 3232-0701  
Goiás: (62) 3371-2784 (CEAM)

**UFG**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**ASSÉDIO SEXUAL**

O assédio sexual é toda conduta com conotação sexual não desejada pela vítima. Pode acontecer de formas verbais, não verbais e físicas e é identificado quando alguém, de forma frequente e reiterada, humilha, ofende a dignidade, subordina – tendo em vista algum interesse –, discrimina e perturba uma pessoa.

**SITUAÇÕES QUE CARACTERIZAM ASSÉDIO SEXUAL, ENTRE OUTRAS:**

- ♂ Fazer insinuações de conotação sexual, por meio de comunicação verbal ou escrita, olhares, gestos, entre outras formas;
- ♂ Aproximar-se fisicamente de forma inoportuna, tocar ou criar situações de contato corporal, sem consentimento recíproco, com conotação sexual;
- ♂ Constranger com piadas e frases de duplo sentido, fazer alusões que produzam embaraço e sensação de vulnerabilidade ou perguntas indiscretas sobre a vida privada;
- ♂ Fazer ameaças de perdas significativas ou promessas de obtenção de benefícios em troca de favores sexuais;
- ♂ Violar o direito à liberdade sexual de colegas e interferir no desenvolvimento das atividades laborais da pessoa vitimada;

♂ Criar um ambiente de trabalho intimidante, hostil e ofensivo, que vai resultar em obstáculos à igualdade entre os sexos, em decorrência de discursos e práticas sexistas e LGBTfóbicas.

**♀ O QUE FAZER EM CASO DE ASSÉDIO SEXUAL:**

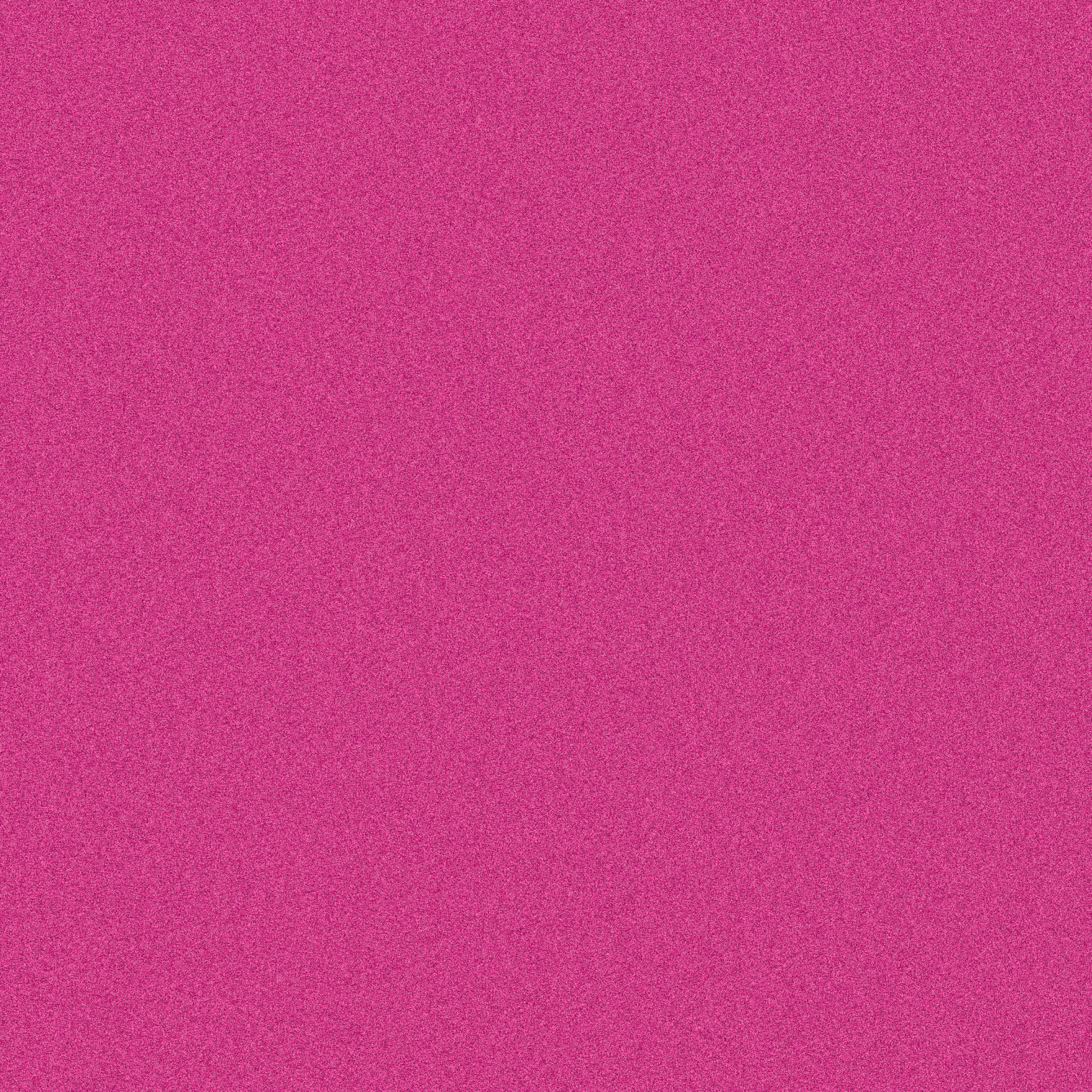
- 1) Rompa o silêncio;
- 2) Não se intimide e procure ajuda;
- 3) Denuncie.

**♀ ORIENTAÇÕES PARA DOCUMENTAR DE FORMA CONSISTENTE A DENÚNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL:**

- ♂ Anote as situações de assédio, relatando detalhes como dia, hora, local, nome(s) da(s) pessoa(s) envolvida(s) e de testemunhas, motivos alegados, conteúdo das conversas, entre outras informações relevantes;
- ♂ Guarde documentos físicos (bilhetes, anotações) ou eletrônicos (e-mail; mensagens) que possam servir como provas;
- ♂ Procure ajuda de outras pessoas, em especial daquelas que testemunharam os fatos ou que também já tenham sofrido assédio.

A group of six cheerleaders in white sweatshirts with 'STU' on the front and red skirts are performing a routine in front of a brick building. The cheerleaders are in various poses, some with arms raised. The background is a large, multi-story brick building with many windows. The text 'CAPÍTULO 3' is overlaid in the center of the image.

## CAPÍTULO 3



**A**o fazer o uso de uma plataforma multimídia como um aplicativo de relatos destinado a uma comunidade acadêmica, aliamos os princípios do design aos do feminismo. Essa junção mostra-se produtiva a partir do momento em que enxergamos o app-book e seus diversos formatos como uma ferramenta social capaz de conscientizar a respeito da luta pela igualdade de gênero e da violência que cerca as mulheres. Essa proposta não seria possível sem nos apropriarmos do design da informação<sup>17</sup> enquanto recurso para garantir uma boa organização do conteúdo e do conceito de interface, sendo esta última o meio de interação e conexão entre usuário e conteúdo, oferecendo a ferramenta que é superfície do sistema do aplicativo que criamos:

17 Design da informação é a subárea do design que se encarrega de garantir a veiculação de informações da maneira mais clara possível, simplificando-as para que sejam acessíveis aos seus usuários que poderão assim compreendê-las e utilizá-las de forma eficiente e efetiva (HORN, 1999; KATZ, 2012).

“Segundo Lèvy (1999), a interface se assemelha à pele: ela é a base de contato de nosso corpo próprio com o mundo natural. A pele pertence ao sistema corpo humano e traduz informações de temperatura, consistência, textura etc., para padrões de impulsos nervosos [...]. Na relação de analogia de Lèvy, uma interface é a base de contato de um sistema com outro sistema/usuário, mantendo uma relação de pertencimento, e a base lógica de agenciamento/tradução de informações.” (ROCHA, 2016)

O uso de aparatos eletrônicos no consumo de informações transformou a maneira com que um conteúdo pode ser transmitido. Compreende-se o aplicativo como uma dessas maneiras e para que a leitura aconteça, é necessário ter um dispositivo eletrônico dedicado a esse tipo de tarefa. Por isso, *tablets*, *notebooks*/computadores e *smartphones* são suportes que podem ser utilizados para este fim (TEIXEIRA & GONÇALVES, 2014). Esses aparatos, em especial os *smartphones*, são considerados como a principal fonte de disseminação de conhecimento dos tempos atuais e por isso faremos um produto que se enquadre especificamente para este tipo de suporte que é o celular.

## Navegabilidade

Tendo isso em vista, um estudo a respeito do funcionamento de fluxo e interface do livro digital do programa “Entre flores e dragões” do Itaú leia para uma criança serão explanados a seguir.



Figura 32 • Gráfico de análise do Entre flores e dragões: digital book .  
Créditos • Bruna Mancuso e Adriana Carranca.

Acesse o material aqui:  
<https://goo.gl/ycEzN9>



Analisar trabalhos com propósitos semelhantes nos permite refletir a respeito do fluxo de navegabilidade que o usuário do “Ela não quis: app-book ilustrado de relatos” irá percorrer. Propomos então, uma navegação simples e intuitiva, onde recursos do próprio aparelho celular complementam o funcionamento do aplicativo.

Seguindo o mapa de navegabilidade e mantendo o ideal de uma interface intuitiva, procedemos na criação de um wireframe o qual irá definir melhor a estrutura dos conteúdos e elementos presentes em cada tela, aproximando então a experiência de uma interface para o sistema a ser desenvolvido apresentamos o wireframe final, estudado para a criação do app-book:

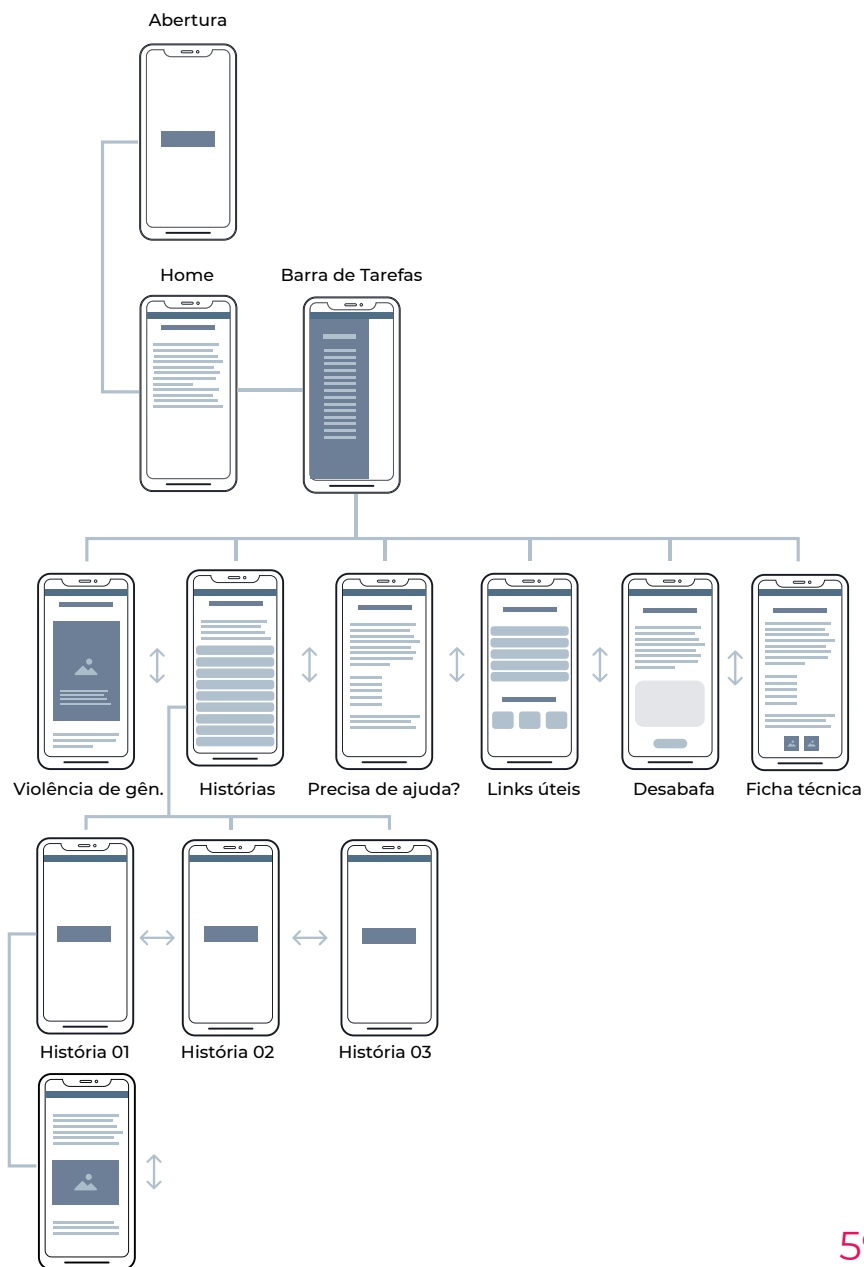


Figura 33 • wireframe desenvolvido para a criação do aplicativo.  
 Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

O uso de uma barra de tarefas é essencial para tornar a experiência do usuário mais livre e dinâmica. Para acessar os vários conteúdos o leitor poderá sempre contar com o menu que o leva às diversas áreas do aplicativo.

Figura 34 • Telas home com barra de tarefas e ícones. Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.



Temos ainda outras telas que promovem interações com o usuário como uma página de infográfico que possibilita que o usuário visualize informações a partir do toque em pontos-chaves da ilustração que abrem as caixas de texto, essas podem ser fechadas com um segundo toque sobre

as mesmas. Páginas como a de Histórias e Links Úteis possuem um sistema de botões que direciona o usuário diretamente para um determinado conteúdo, sendo ele, respectivamente, um dos relatos disponíveis no aplicativo ou diferentes sites e conteúdos sobre feminismo e violência de gênero. A página Desabafa convida a usuária a compartilhar sua própria experiência com a violência de gênero, o que é possível através de uma caixa de digitação onde a história pode ser escrita e subsequentemente enviada com um botão de envio posicionado abaixo da caixa. Abaixo é possível observar as telas que aqui foram citadas.

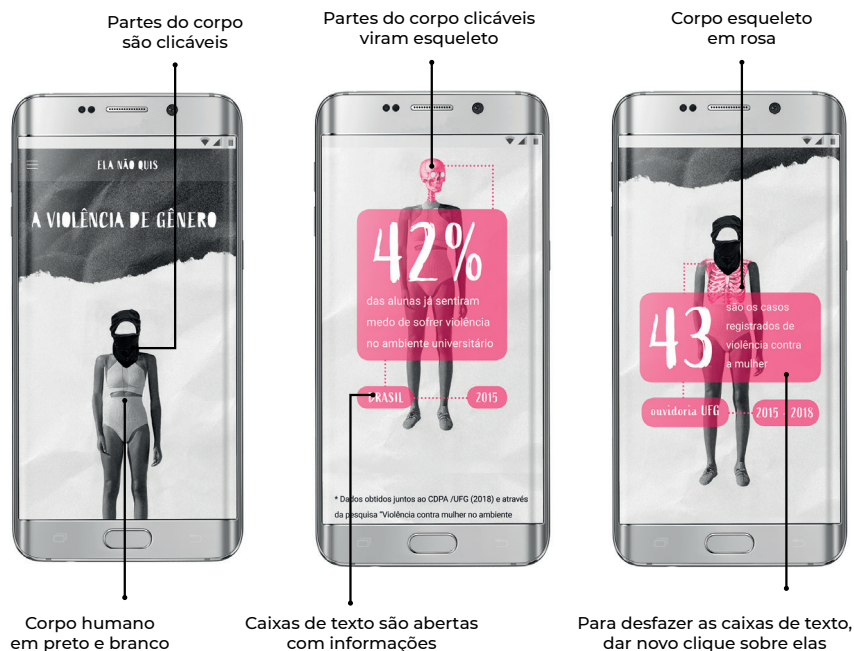


Figura 35 • Telas interativas do infográfico.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

Figura 36 • Telas interativas de histórias, links úteis e desabafa. Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

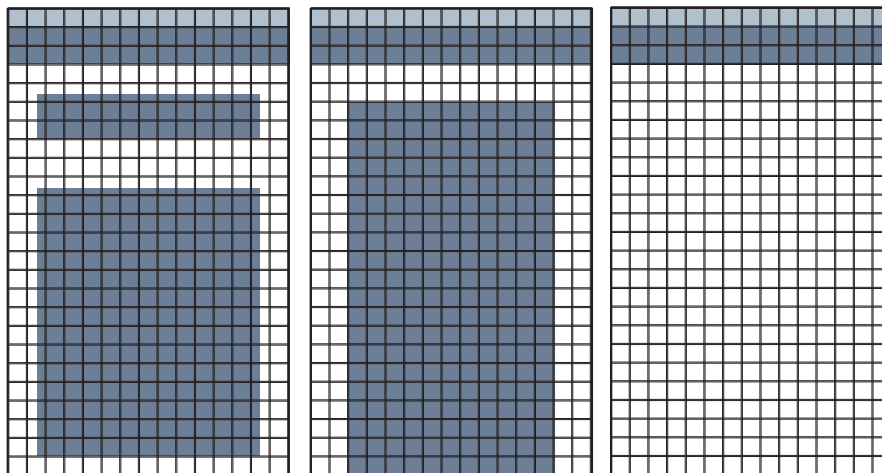


## Grid

Grids são estruturas geométricas especialmente desenvolvidas para auxiliar na organização visual de informações, através de um conjunto de relações que guiam a distribuição de elementos em um determinado formato (SAMARA, 2015). Para a execução desse projeto desenvolveu-se uma malha base para organização geral e disposição de elementos fixos na tela, de forma a aplicar os princípios de consistência<sup>18</sup> ao longo do aplicativo.

<sup>18</sup> O princípio de consistência aqui mencionado foi baseado no que é apontado pelo manual "Pixel perfect precision handbook." de GYPPSY 2014.

Esta malha foi criada a partir da divisão do formato de tela base do aparelho Samsung J5 (1280x720 pixels), em unidades de 43 x 43 px com um espaçamento de 5px entre cada uma. A partir da malha base e tendo em vista as necessidades que cada tipo de tela possui derivam-se três grids essenciais de composição, de forma a proporcionar três diferentes níveis de desestruturação da grid, para desta maneira ter-se mais liberdade na diagramação das imagens e demais conteúdos interativos. Assim, apresenta-se abaixo as grids destinadas para as telas simples, sendo estas as telas de grid rígida, as telas de histórias as quais possuem a grid ligeiramente mais flexível e telas especiais, sendo esta última a mais livre delas três.-



Figuras 37, 38 e 39 •  
Em ordem, grid de tela  
simples, grid de histórias  
e grid de telas especiais.  
Créditos • Beatrice  
Menezes, Camila Mogyca  
e Jéssica Mastrela.

## Tipografia

Assim como em páginas impressas, o conteúdo textual também se caracteriza de duas maneiras para o seu uso em telas, sendo o primeiro para títulos, cuja função é subdividir o conteúdo apresentado através de hierarquias utilizadas com pesos e tamanhos diferentes e o segundo uso, aplicado para o corpo de texto, onde geralmente se concentra a parte mais densa da informação e demanda de manchas gráficas textuais extensas (LUPTON, 2015).

As decisões tipográficas do projeto levam em conta o tipo de informação a ser organizada e subdividida. Com isso, o conteúdo passa a ser um fator determinante para a escolha das fontes utilizadas no aplicativo e torna-se necessário atender a demanda por uma fonte display<sup>19</sup> a ser utilizada em títulos e aberturas de telas, bem como também na marca e uma fonte para corpo de texto que seja capaz de harmonizar com as ilustrações e comportar intervenções, ao mesmo tempo possibilitando uma leitura um pouco mais longa e confortável para o usuário.

Das possibilidades estudadas, duas famílias distintas apresentam os parâmetros necessários para o trabalho. Nos títulos, fazemos o uso da fonte Active Regular que apesar de possuir uma altura de x padrão, apresenta

<sup>19</sup> Fonte display são indicadas e utilizadas preferencialmente para títulos. Por apresentarem formas complexas ou proporções muito grandes, tornam-se exaustivas em quantidade de uso exageradas (LUPTON, 2015).

forte modulação como também traços, ascendentes e descendentes com aspectos inacabados e irregulares. É este seu aspecto informal que casa com a forte presença na utilização de fontes *handwriting* em caixa alta na abordagem dos cartazes da cultura de protestos dos grupos feministas. Outra fator importante é a família apresentar caracteres em caixa alta e baixa, nos dando a liberdade de variar o seu uso de acordo com as demandas textuais (como ocorrem nas falas presentes nas histórias e no infográfico).

A aplicação dos textos corridos fica sob responsabilidade da fonte Roboto Regular. Esta escolha se perpetua não somente pelo título que carrega consigo de “fonte padrão do sistema Android”. A Roboto se constituiu com o passar dos anos como uma opção ideal para ser utilizada em dispositivos móveis e digitais, essa sua consagração além de suas características formais, que são as formas geométricas e traços modulados que permite que as letras sejam ajustadas em sua largura natural, além de também apresentar curvas abertas e limpas que ajudam a formar uma mancha gráfica neutra, colaborando na harmonia desejada com os títulos displays, parágrafos, ilustrações e fundos aplicados para as telas. Vale também ressaltar que a escolha do peso de texto regular foi selecionado a partir de diferentes testes visuais de sua aplicação junto aos diferentes fundos e texturas que propomos para o aplicativo, desta forma comprovando que este peso fosse o mais adequado, uma vez que apresenta uma boa interação com as texturas tornando a leitura o mais agradável possível para o usuário.

Por meio de um comparativo, observamos que o tamanho da fonte e entrelinha de projetos digitais são maiores do que os comumente usados em projetos impressos. Em *Tipos na tela* (2015), a autora Ellen Lupton demonstra que caracteres em tamanhos maiores podem tornar a leitura mais fácil e agradável e que “em dispositivos móveis, os tipos podem ser menores do que em um computador de mesa, porque o usuário pode ajustar a distância entre a tela e o seu rosto para obter o tamanho mais adequado às suas necessidades”.

- Corpo de Texto | Roboto Regular: 34 pt, entrelinha 60 pt
- Corpo de Texto | Active Regular: 48 pt, entrelinha 62 pt em caixa alta e baixa
- Títulos | Active Regular: 96 pt, entrelinha 118 pt em caixa alta
- Títulos | Active Fill: 70 pt, entrelinha 98 pt em caixa alta

A seguir apresentam-se diferentes telas onde é possível observar a aplicação de ambas tipografias no aplicativo, tanto em situações de corpo de texto, interações, títulos ou aberturas.

A B C D E F G H I J K L M

N O P Q R S T U V W X Y Z

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

---

A B C D E F G H I J K L M

N O P Q R S T U V W X Y Z

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

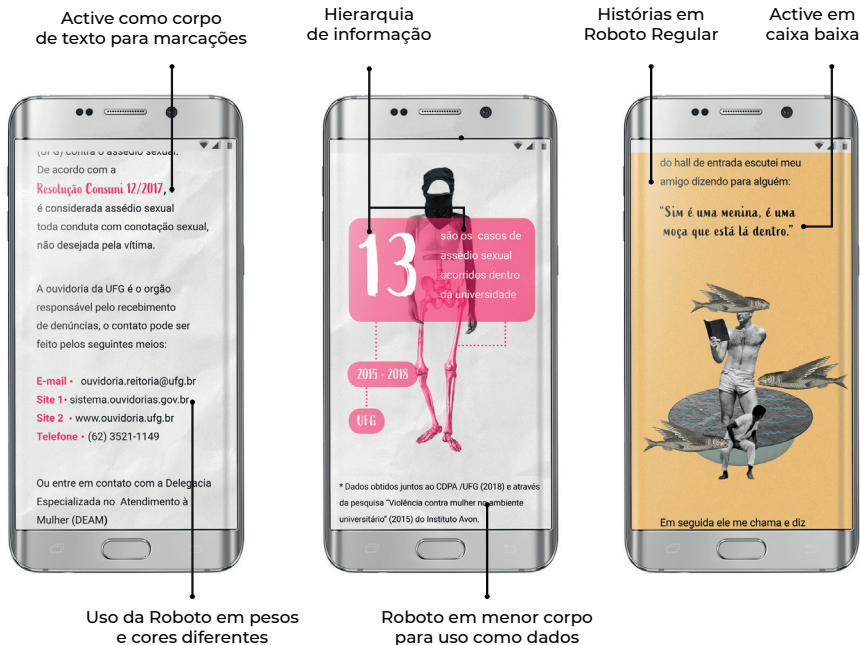
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Figura 40 • Fontes Active Regular (esquerda) e Roboto Regular (direita).  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

Figura 41 • Uso da fonte Active Regular para título.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.



Figura 42 • Uso da fonte Roboto Regular e Active Regular para corpo de texto.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.



## Identidade Visual

A criação de um aplicativo demanda diversos fatores, estando entre eles a concepção de uma identidade visual que faça a integração de todas as telas e recursos. Para o “Ela não quis: app-book ilustrado de relatos” nos apropriamos das características do movimento feminista e da técnica da colagem. Ambos universos foram compreendidos através do estudo feito a respeito dos trabalhos gráficos gerados por grupos feministas (Figura 23 - Capítulo 2). A descoberta desses coletivos mostram-se de suma importância para a concepção estética que norteia as escolhas feitas para a construção do projeto como um todo.



Seguindo os resultados gráficos levantados dessa relação dos grupos feministas, partimos para um estudo de cores. A escolha leva em consideração o fato de a cor ser predominante na maioria dos projetos

analisados, como por exemplo o preto (presente em 90%), assim como também o resultado do contraste a ser gerado com a aplicação das manchas gráficas textuais, sendo este último caso a abertura para o uso do amarelo, do rosa e do azul, exigindo a demanda dessas cores com tons menos saturados para a aplicação de um conteúdo textual mais denso sobre elas.

O segundo passo a ser tomado como decisão foi em relação aos dois tipos de texturas utilizadas sutilmente no projeto. Ter optado por trabalhar com um movimento como o feminismo, que se mostra muito urbano e tem um histórico com a criação de cartazes para disseminação de seus ideais e a divulgação de atos, acabou por se mostrar coerente. Logo, a apropriação da estética empregada em lambe-lambes e cartazes colados em muros e poste de cidades faz-se presente nas telas consideradas como padrões. Já para as telas que se restringem às histórias houve a necessidade de fazer a aplicação de uma textura granulada, fazendo menção ao ruído encontrado nas fotografias antigas utilizadas para os recortes. Essa mudança ocorre para justificar o comportamento diferenciado que essa parte específica do aplicativo precisa manter: criar uma harmonia entre ilustrações e os parágrafos dos relatos, ao mesmo tempo dando a cada história sua própria cor e importância.

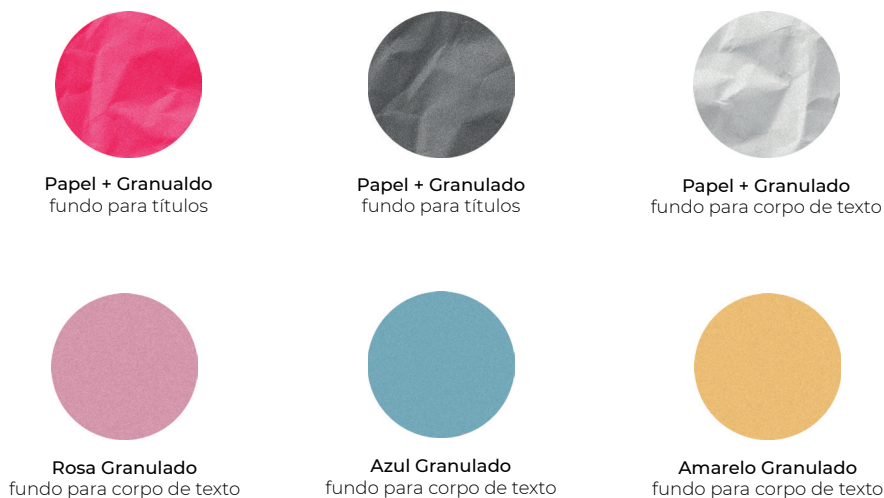
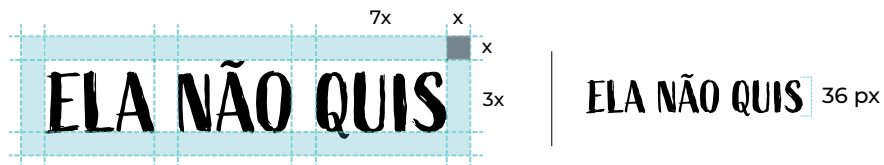


Figura 44 • texturas aplicadas à paleta cromática.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

Com estes elementos já estabelecidos, foi chegado o momento de dar concepção a uma marca que comportasse conceitualmente e tecnicamente as necessidades do trabalho. Após a geração de um *brainstorming* para o nome do produto final, o título “Ela não quis” firmou-se com os requisitos estabelecido:

- Exaltação do direito de escolha da mulher.
- Não culpabilidade da vítima.
- Ligação com os relatos.

Figura 45 • Área de proteção e redução.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.



Sendo assim, ainda mantendo uma ligação com as conclusões tiradas das obras presentes no Capítulo 2 e com as escolhas tipográficas feitas no tópico anterior, mantivemos o uso da fonte Active Regular Fill para criar o logotipo.

Figura 46 • Versões primárias e secundárias da marca.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.



Outro elemento que se constitui identitariamente no projeto e é presente junto as ilustrações são as marcações manuais feitas sobre partes do texto. Essas interferências são produzidas por meio dos

mesmo traços que compõem os desenhos que aparecem nas colagens. A ideia de introduzi-los é para que haja uma conexão entre imagem e texto, assim como também marcar palavras e frases que merecem uma maior atenção dentro da narrativa.

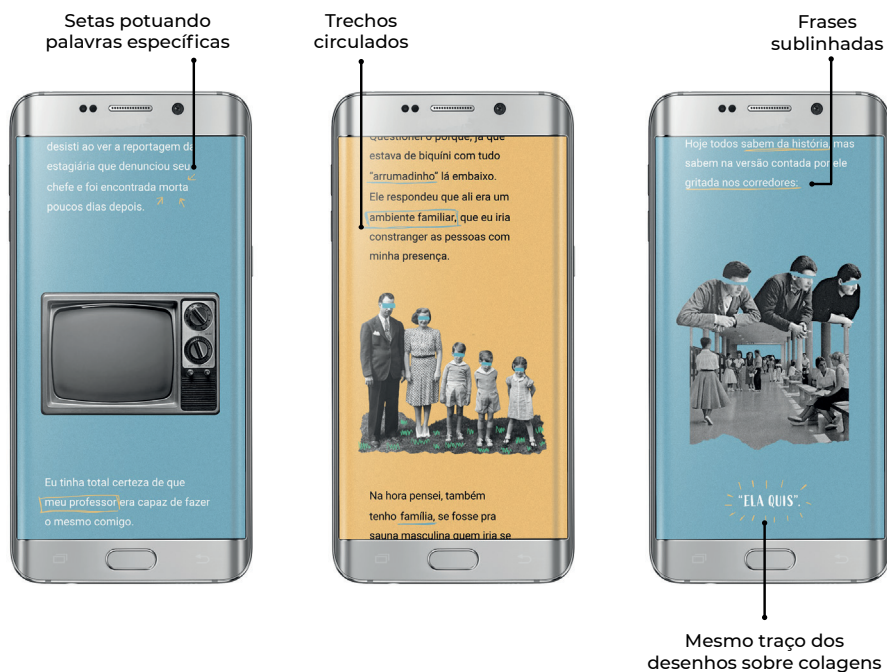


Figura 47 • Telas de histórias com grafismos de interferência sobre o texto.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

## Ilustração

Dentre as técnicas levantadas, a colagem e o desenho foram selecionadas para compor toda a visualidade do projeto e tem-se como propósito a união destes diferentes meios de expressão para uma melhor construção do todo.

Uma breve compreensão do processo histórico da colagem nos faz refletir sobre uma relação positiva que ela vem a ter com o feminismo. No século XX, a colagem ressurgiu como linguagem artística e passa a ser utilizada pelos movimentos de vanguarda; mais especificamente o Futurismo, Dadaísmo e o Construtivismo Russo. Todos estes movimentos ocorrem em períodos de guerra e utilizam a técnica como um “procedimento de combinar, repetir e sobrepor imagens estabelecendo um idioma visual que expressa o aparecimento instantâneo e intenso de uma cultura urbanizada e industrializada”, além disso, é um período conhecido por também utilizar a arte como um instrumento a favor de mudanças sociais (DAMAZIO, 1996).

Seguindo essa mesma lógica para a construção das ilustrações do aplicativo, a seguir, apresentamos análises de trabalhos que utilizam a colagem e a figura da mulher como elementos principais:

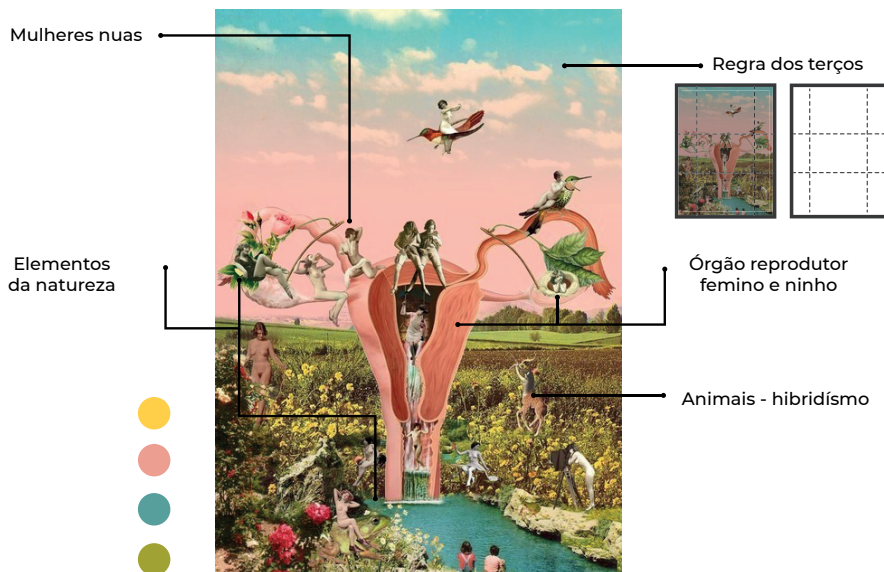
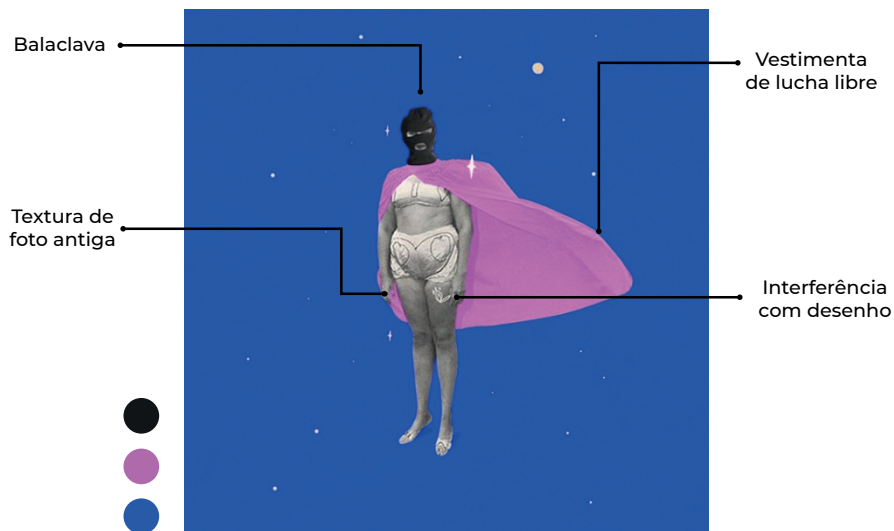


Figura 48 • Deleitação  
– Útero (2016)  
Créditos • Elisa Riemer.

O trabalho da artista gráfica e colagista Elisa Riemer, faz o uso da técnica digital e analógica para gerar uma discussão acerca do prazer feminino. A construção do útero como um templo é captada pelo uso do mesmo como figura central, assim como também pela sua proporção extravagante em relação às outras figuras ao seu redor. Na obra faz se presente o uso de muitas figuras femininas e elementos da natureza, resultando em uma composição profusa e complexa, de encaixes simétricos. Aparentemente as imagens foram retiradas de livros de biologia, revistas de jardinagem e/ou viagens, além de apresentar também fotografias de décadas diferentes.

Figura 49 • Sem título (2017).  
Créditos • Gabriela Sánchez.



Também fazendo o uso da técnica digital e analógica, a designer Gabriela Sánchez, cria um trabalho com características mais limpas. Não somente fazendo o uso de recortes, a obra apresenta intervenções gráficas desenhadas que ajudam a compor e a contextualizar o sentido a ser gerado. Assim como no trabalho anterior, observa-se o uso de um elemento central e principal, sendo neste caso a figura de uma mulher com trajes tradicionais da prática da *lucha libre*. É presente em grande parte dos trabalhos de Gabriela o uso de balaclavas, sempre possibilitante a não identificação por completo, mas ao mesmo tempo gerando a interpretação de que estas mulheres carregam em si um ideal de luta e rebeldia.

Aliando essas interpretações às considerações tiradas do gráfico produzido a partir da análise de peças gráficas feministas do capítulo 2, é possível concluir que a relação de diferentes imagens e grafismos podem gerar um significado simbólico que contempla as demandas dos relatos coletados. Assim sendo, propomos a criação de ilustrações feitas com a colagem e o desenho digital, tentando manter, em sua maioria, os recortes em preto e branco, para que o desenho possa entrar como uma interferência que rompa sutilmente com a harmonia prezada entre texto e imagem, podendo elas serem conferidas a seguir.

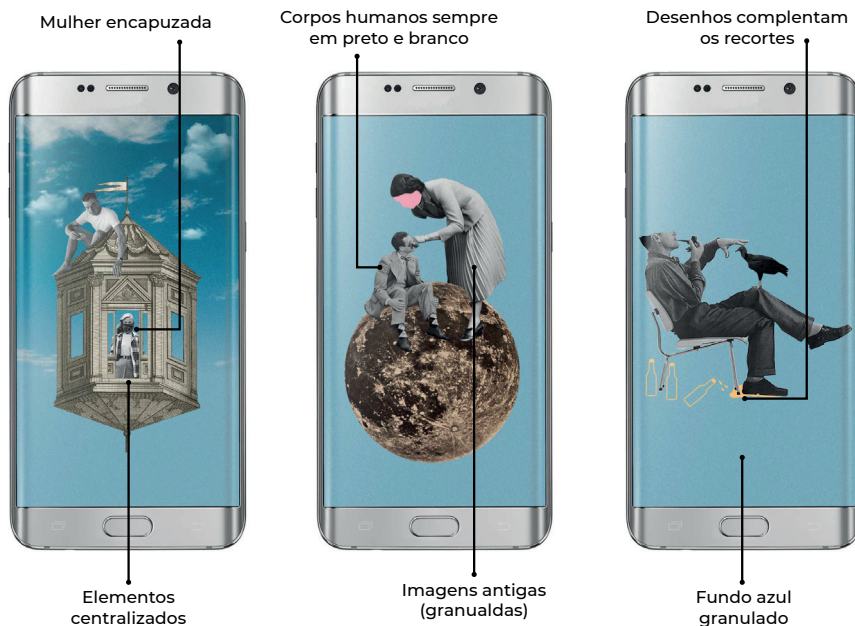


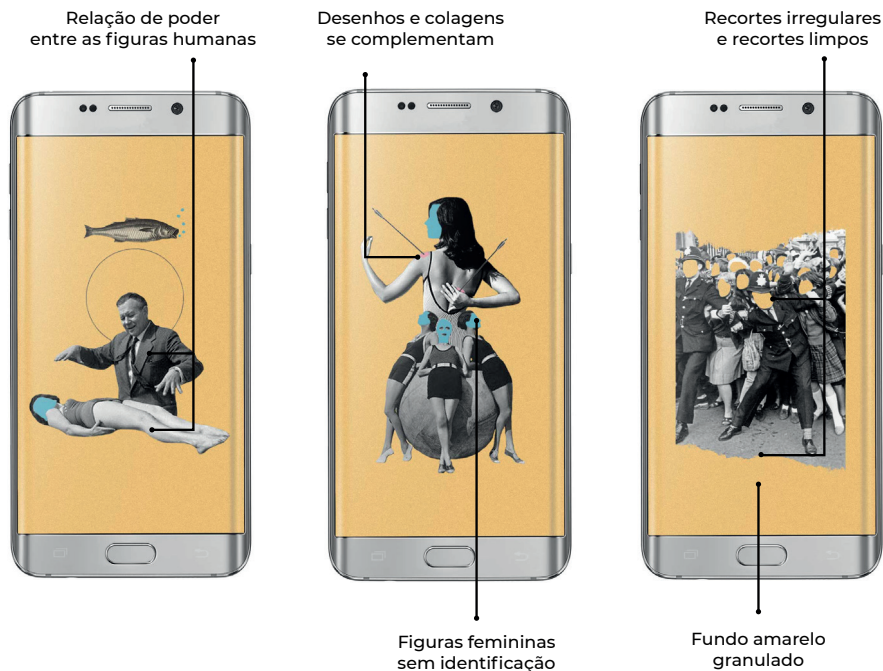
Figura 50W • Ilustrações do relato "Ela quis".  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

Acesse o material aqui:  
<https://goo.gl/ha8pKu>



Figura 51 • Ilustrações do relato "Clube SINT-UFG".  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

Acesse o material aqui:  
<https://goo.gl/ZrUYvq>



Além das ilustrações dos relatos, o trabalho conta com um infográfico que trata as questões da violência de gênero estatisticamente. Para essa parte, foi criada uma ilustração que representa o corpo de uma mulher sem identificação aliado a elementos de anatomia do corpo.

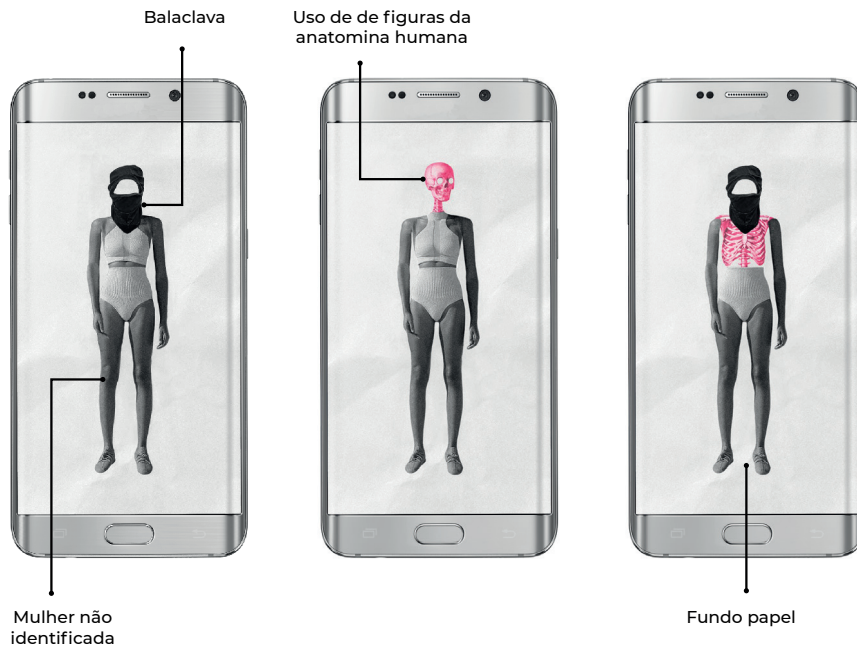


Figura 52 • Ilustrações do infográfico.  
Créditos • Beatrice Menezes, Camila Mogyca e Jéssica Mastrela.

## Animação

Entende-se o *motion graphic* como uma animação gráfica multimídia que utiliza a tipografia, a ilustração (vetorial, colagem ou desenho) e estruturas de composição próprias do design para acrescenta o caráter de movimento. A junção dessas duas técnicas (colagem e animação)

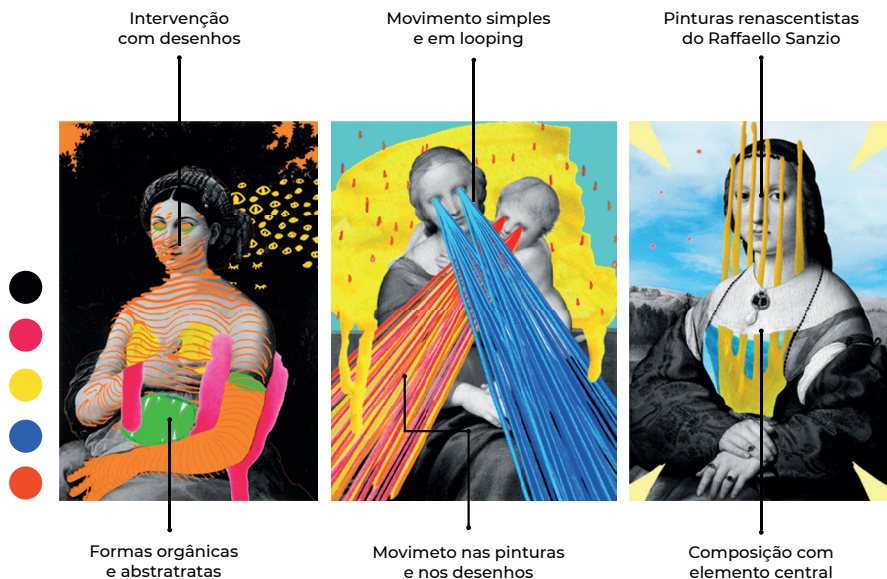
resulta em uma estética visual que se encaixa com os objetivos deste projeto: a criação de um aplicativo interativo cuja absorção das informações a respeito da violência de gênero na UFG possam acontecer de maneira rápida e interativa.

A facilidade de acesso ao uso de recursos multimídia possibilita construir um modelo pedagógico potencializador e incentivador, onde conteúdo e usuário podem ter maior interação e dinamismo (Natálio & Bidarra, 2014). Com estas considerações, realizamos um estudo de similares de *motion collage* e de *gifs* visando as principais características morfológicas e recursos.

Vídeo • The Magician  
- Andy Shauf.  
Créditos • Winston  
Hacking.

Acesse o material aqui:  
<https://goo.gl/GoQNYV>





Gifs • Raffaello Sanzio  
- tribute work.  
Créditos • Ana Torres.

Acesse o material aqui:  
<https://goo.gl/uwt79a>



Tendo as particularidades de cada trabalho levantadas e considerando as possibilidades de interação e movimento a serem utilizadas dentro do projeto, compreendemos o *gif*, um dos formatos mais antigos de animação para web (LUPTON, 2015), como uma alternativa interessante. Com alguns poucos quadros em loop simulamos intervenções textuais sobre os relatos em sincronia com os recortes ilustrados. A mistura de todos esse elementos e movimentos pode ser conferida no protótipo final seguir.

Acesse o mockup:

<https://vimeo.com/302128546>



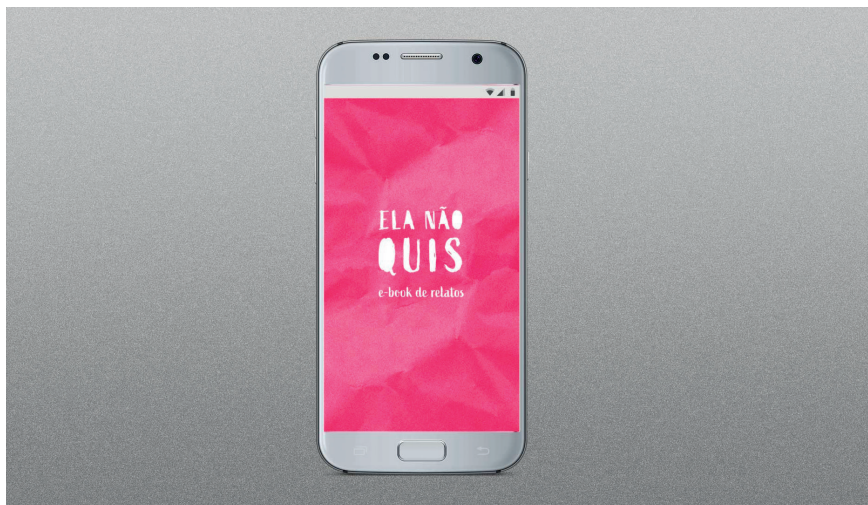
Acesse ao vídeo  
promocional:

<https://vimeo.com/306058450>



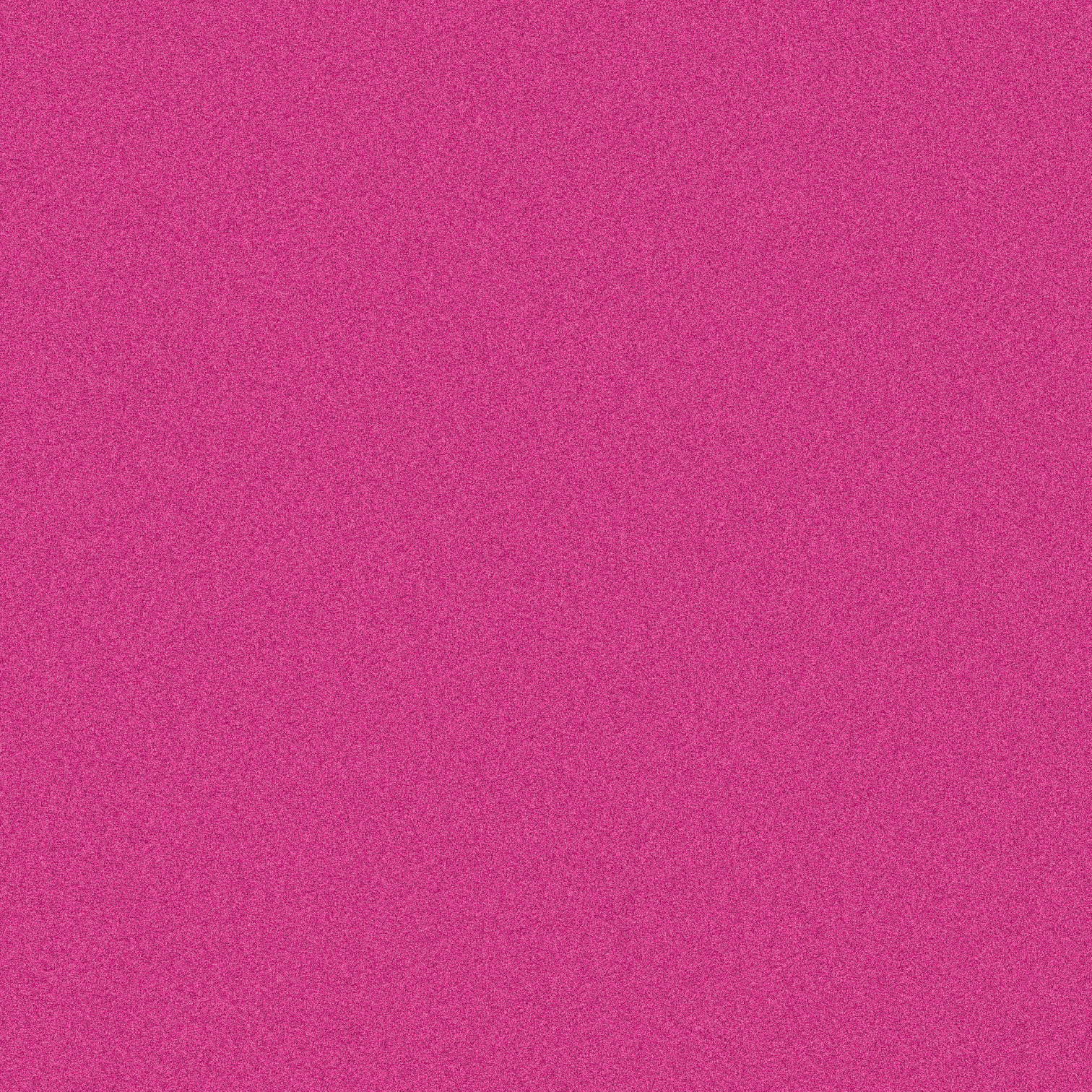
Acesse ao PDF:

<https://goo.gl/dmhsDs>





# CONSIDERAÇÕES FINAIS



O desenvolvimento do presente projeto possibilitou uma análise acerca da presença da violência de gênero dentro de instituições de ensino superior. A trajetória de todo o processo de criação do aplicativo, nos possibilitou o contato com diversas mulheres e setores da UFG. Em uma primeira instância e para que a aproximação com as manas vítimas de assédio fosse possível, tivemos a ajuda do setor administrativo Ações Afirmativas (CAAF - UFG), onde pudemos contar com o apoio da coordenadora Prof<sup>a</sup> Dra. Marlini Dorneles de Lima, cujos direcionamentos foram de extrema importância para obter os relatos presentes nos Anexos. É importante salientar ainda que dados estatístico da relação de casos acolhidos pela Ouvidoria da UFG foram gentilmente gerados e cedidos pelo órgão de Coordenação de Processos Administrativos

(CDPA), cujas informações são utilizadas na presente monografia, assim como também no infográfico presente no aplicativo.

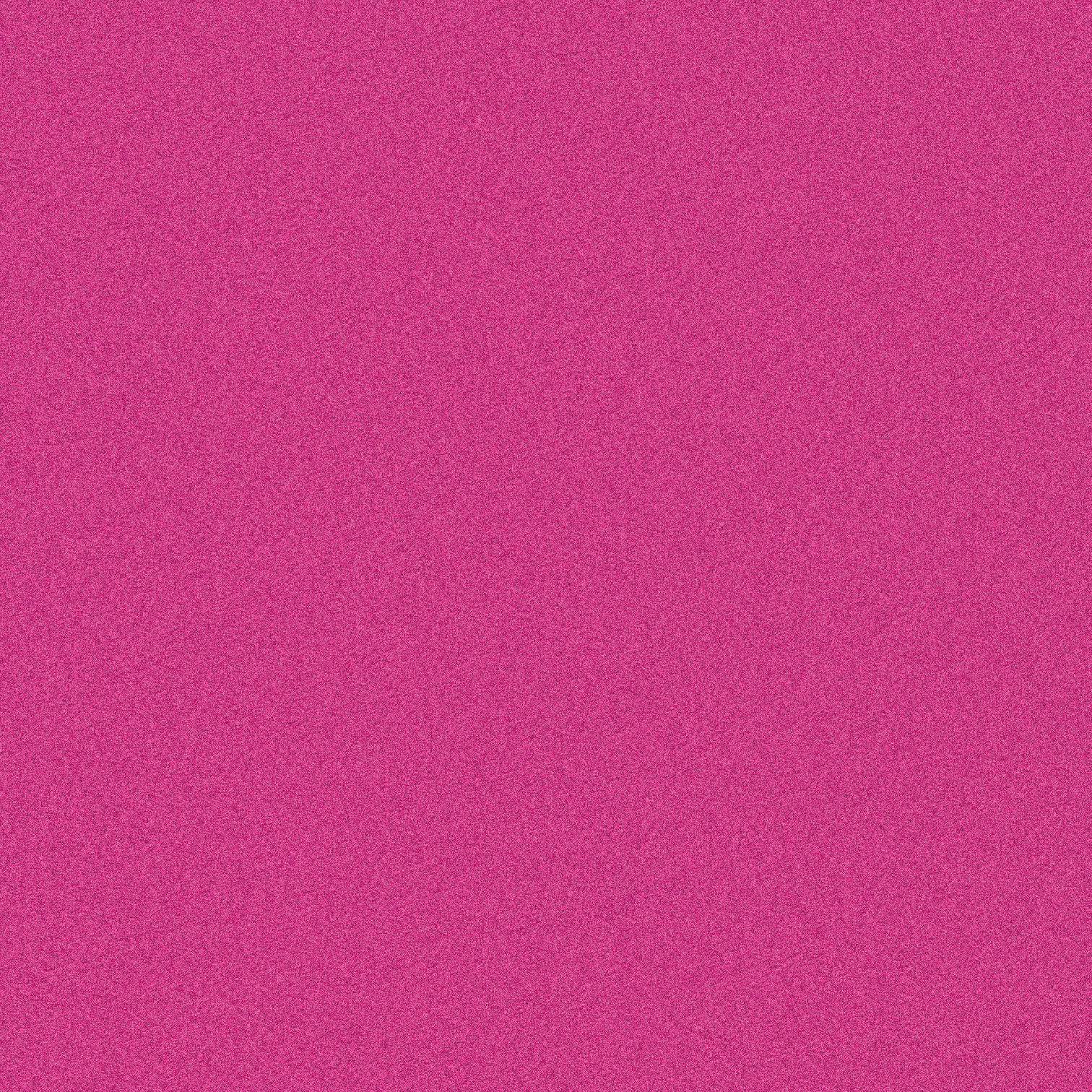
Outra forma de pesquisa de campo utilizada que nos forneceu a troca de ideias e experiências foi o contato direto com grupos feministas de Goiânia. A busca mostrou-se dificultosa, tendo em vista que muitos destes não possuíam um meio de contato ativo. Nesta circunstância, as redes sociais mostraram-se como o meio que possibilitou essa comunicação. Os coletivos levantados foram: Coletivo Fluidez, Coletivo Pagu, Coletivo Rosa Parks, Dandara do Cerrado, Coletivo Feminista Carol Barbosa da UJS - GO, Coletiva Feminista (UFG), As Minas na Reitoria (UFG) e a Frente Feminista Unificada Autônoma de Goiás e o Coletivo TransAção.

O contato com esse grupos, mulheres e profissionais nos possibilitou a construção do “Ela não quis: app-book ilustrado de relatos”. Realizar a coleta de relatos foi um momento de muita responsabilidade e cuidado, por isso gostaríamos de agradecer imensamente as manas que compartilharam suas histórias e nos cederam o direito de explorar as possibilidades narrativas por meio da ilustração com recortes e rabiscos. A força e perseverança dessas mulheres nos motivaram a prosseguir com a idealização desse projeto.

A experiência que o desenvolvimento deste trabalho nos proporcionou evidencia uma faceta do design enquanto ferramenta social,

que muitas vezes passa despercebida em meio as nossas tarefas cotidianas. Apontamos aqui para a importância de, sempre que possível, projetar e se engajar em trabalhos em favor da comunidade em geral, com especial atenção às comunidades que foram historicamente segregadas da sociedade e que por tal motivo não possuem voz ou visibilidade. O design se destaca como uma ferramenta que possibilita diferentes plataformas para essas comunidades viabilizando discussões e disseminando informações, que de outra forma manteriam-se silenciadas.

Dessa forma, acreditamos que o trabalho realizado por nós durante a fase de elaboração dessa discussão, seja viável e possível de ser compreendido, tanto no meio acadêmico como em outros locais fora de instituição, sendo ainda oportuno destacar que embora sejam apresentados apenas dois relatos finalizados no aplicativo, este pretende ser um compêndio de relatos que poderá ser atualizado e expandido sempre que necessário.





## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Ministério da Saúde. (2011). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2012). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2013). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2014). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2015). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2016). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2017). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2018). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2019). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2020). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2021). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2022). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2023). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2024). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2025). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

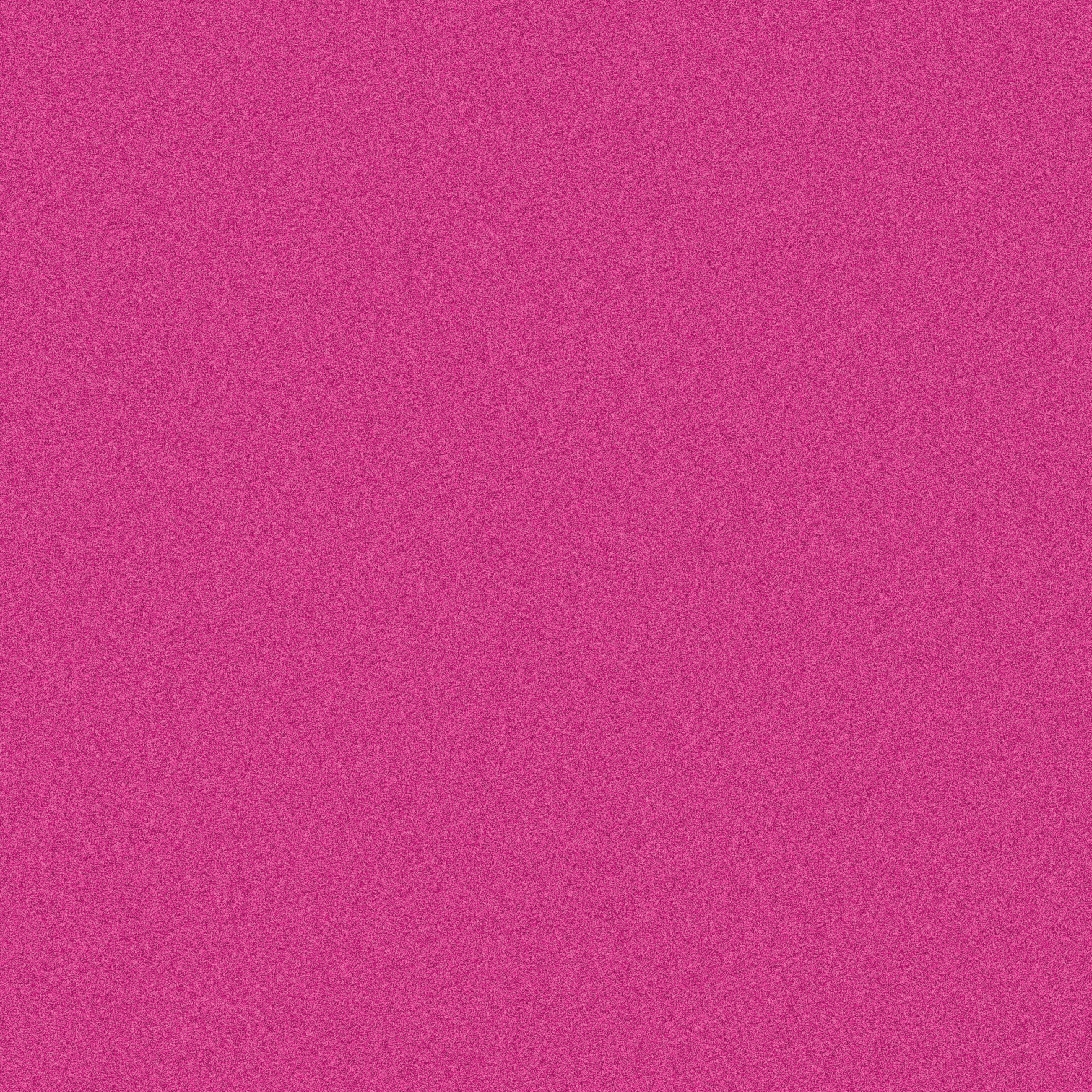
BRASIL. Ministério da Saúde. (2026). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2027). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2028). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2029). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2030). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde.



APERJ. **Movimento Feminino pela Anistia e Liberdade Democrática**. Disponível em: <<http://200.222.27.136/index.php/movimento-feminino-pela-anistia-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 4 de junho de 2018.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. in.: Revista Sociedade e Estado, nº 2, v. 29, 2014.

BLAY, E. A. **Violência contra a mulher e políticas públicas**. in.: Estudos Avançados, nº17, v. 49, p.87-98, 2003.

BORDONI, Andrea; GOMES, Luiz Vidal, **Método e Processo Criativo** - sCHDs Editora, 2011

BUTLER, J. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”**. in.: Cadernos Pagu, (11), pp.11-42, 1998.

CAMARGO, M. A. **“Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock**. in: Cadernos Pagu, (36), p. 155-186, 2011.

CARVALHO, Versanna. **Campanha #NãoÉNão! tem cartilha contra o assédio sexual**. 2018. Disponível em: <<https://www.ufg.br/n/104803-campanha-naoenao-tem-cartilha-contra-o-assedio-sexual>> Acesso em: 08 jun. 2018.

CASCONE, Sarah. **Proclaiming ‘Resistance Is Female,’ Guerrilla Artists Commandeer NYC’s Phone Booths**, 3 abr. 2017. Disponível em: <<https://news.artnet.com/exhibitions/resistance-female-guerrilla-art-overruns-new-york-phone-booths-912416>> Acesso em 08 jun. 2018.

COSTA, C. **O sujeito no feminismo: revisitando debates**. in.: Cadernos Pagu, (19), p. 59-90, 2002.

DAMAZIO, Vera. **O legado da colagem para o Design Gráfico ou Colagem e pão não são a mesma coisa....** in.: Estudos em Design - Design Articles, nº1, v. 4, p. 9-22, 1996.

DEIXA ELA EM PAZ. **Deixa ela em paz**. Disponível em: <<https://deixaelaempaz.wordpress.com/>> Acesso em 08 jun. 2018.

FERNANDES, Luiz Felipe. **Consuni aprova resolução contra assédio moral, sexual e preconceito**. 2017. Disponível em: <<https://seguranca.ufg.br/n/97347-consuni-aprova-resolucao-contr-assedio-moral-sexual-e-preconceito>> Acesso em: 08 jun. 2018.

FUTÃO, Fernando Freitas. **A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida**. in: Ensaios Filosóficos, v. 11, 2014.

GIFFIN, K. **Gender Violence, Sexuality and Health**. in: Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, v. 10, n 1, 1994.

GYPPSY. **Pixel perfect precision handbook**. 2014. disponível em: <<https://www.ustwo.com/blog/the-ustwo-pixel-perfect-precision-handbook-3/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

GUERRILHA GIRLS. **About**. Disponível em <<https://www.guerrilla-girls.com/our-story/>> Acesso em: 08 de junho de 2018

HIRATA, H. et al. **Dicionário crítico do feminismo**. 3ª ed. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 2009.

HEERDT, M; LEONEL, V. **Metodologia Científica e da Pesquisa**. 5ª ed. Palhoça: UniSulVirtual, 2007.

INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**. São Paulo, 2015.

JACOBSON, R. (Ed.). **Information design**. Cambridge: MIT Press, 1999

KARAWEJCZYK, M. **Os primórdios do movimento sufragista no Brasil**. in.: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014

KATZ, Joel. **Designing Information: Human factors and common sense in information design**. 1ª ed. John Wiley & Sons, New Jersey, 2012.

LAURETIS, T. **Através do espelho: mulher, cinema e linguagem**. in.: Estudos feministas nº 1/93, 1993.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero**. in.: Tendências e impasses p. 207-241

LUPTON, Ellen. **Tipos na telas: um guia para designer, editores, tipógrafos, blogueiros e estudantes**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

MAYER, R. E. and MORENO. R. **A. Cognitive Theory of Multimedia Learning: Implications for Design Principles.** 2002.

MOREIRA, Raquel Ribeiro. **A designação de violência em dicionários de língua.** Fragmentum, N. 33. Laboratório Corpus: UFSM, Abr-Jun, 2012.

NARVAZ. M.; KOLLER. S. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política.** in.: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

MUNARI, Bruno. **¿Cómo nacen los objetos?.** Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1983.

NATÁLIO, Carlos; BIDARRA, José. **Ebooks multimédia: o próximo capítulo na divulgação cultural?** in: Encontro sobre Jogos e Mobile Learning (EJML), Coimbra, n. 2, 2014.

NUNES, Thiago Soares; TOLFO, Suzana da Rosa; NUNES, Letícia Soares. **Assédio Moral em Universidade: a violência identificada por servidores docentes e técnico-administrativos.** in: Organizações em contexto, São Bernardo do Campo, n. 18, v. 9, p. 25, 2013.

OLIVEIRA, F. G. and Gualtieri, N. A. **Artefactos animados de aprendizaje empleados en el contexto de la educación a distancia de la**

**Universidade Federal de Goiás.** ISSN 2358-0488 | ISBN 978-85-495-0020-5 | ROCHA, Cleomar (Org). Anais do IV Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas. Goiânia: Media Lab / UFG, 2016.

PEDRO, Joana Maria. **Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)**. in.: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 52, p. 249-272. 2006.

PETTERSSON, Rune. **Information Design: An introduction**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002.

PINTO, Céli Regina Jardim. **O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces**. in.: Estudos Feministas, Florianópolis, 12 (2): 237-253, maio-agosto, 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003

ROCHA, Cleomar. **Pontes, janelas e peles: cultura, poéticas e perspectivas das interfaces computacionais**. 2ª ed. Goiânia: Media Lab / CIAR UFG / Gráfica UFG, 2016.

SAFFIOTI, H.; ALMEIDA, S. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, p. 218, 1996.

SAMARA, Timothy. **Grid: construção e desconstrução**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil**. São Paulo: E.I.A.L., v. 16, nº 1, 2005.

SEE RED WOMEN'S WORKSHOP. **About See Red**. Disponível em: <<https://seeredwomensworkshop.wordpress.com/about-see-red/>> Acesso em 08 jun. 2018.

SHNEIDERMANN, B. **Designing the user interface: strategies for effective human-computer interaction**. Los Angeles: Addison Wesley, 1987.

SOARES, V. **Movimento feminista: Paradigmas e desafios**. in.: Estudos feministas, p. 11-24, 1994.

SOUZA, J. M. B. and DYSON. M. **Are animated demonstrations the clearest and most comfortable way to communicate on-screen instructions?** in: Information Design Journal. v. 16. p. 107-124. 2008.

SWAIN, T. **Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas"**. in.: História: Questões e debates, Curitiba, nº34, p. 11-44, 2001.

TEIXEIRA, Deglaucy Jorge; GONÇALVES, Berenice S. **Interatividade e multimídia no contexto de narrativas para ebook infantil em dispositivos móveis: uma revisão sistemática.** in: Conexão – Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 13, n. 26, 2014.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** - 4ª edição - Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

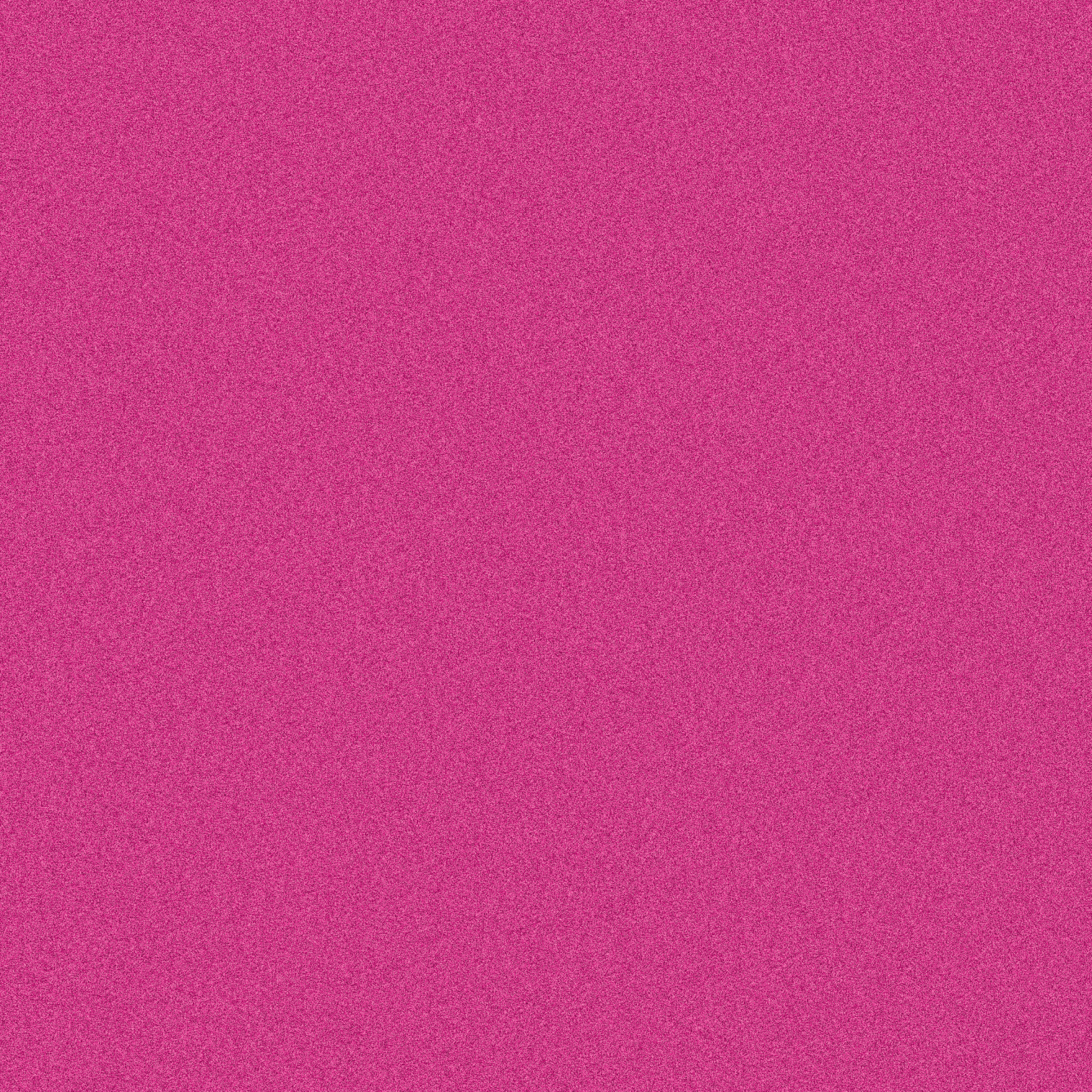
UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. **História.** Disponível em <<http://feminismo.org.br/historia/>>. Acesso em 4 jun. 2018.

VARGAS, H. and SOUZA, L. **A colagem como processo criativo: da arte moderna ao motion graphics nos produtos midiáticos audiovisuais.** Revista Comunicação Midiática. v.6, n.3, p.51-70, set./dez. 2011

VIOLÊNCIA. **Dicionário online do Google,** 2018. Disponível em <[https://www.google.com.br/search?ei=gWcdW\\_eGMKwwgSugYuYBg&q=viol%C3%Aancia&oq=viol%C3%Aancia&gs\\_l=psy-ab.3...282971.285970.0.286225.0.0.0.0.0.0.0.0....0...1.1.64.psy-ab..0.0.0....0.BZRk7SGA8po](https://www.google.com.br/search?ei=gWcdW_eGMKwwgSugYuYBg&q=viol%C3%Aancia&oq=viol%C3%Aancia&gs_l=psy-ab.3...282971.285970.0.286225.0.0.0.0.0.0.0.0....0...1.1.64.psy-ab..0.0.0....0.BZRk7SGA8po)>. Acesso em 10 jun. 2018.



**ANEXOS**



## **Anexo 1**

Documento Pautas de reivindicações da ocupação feminista da reitoria da UFG, criado pelo grupo As minas na Reitoria UFG.

### **PAUTAS DE REIVINDICAÇÃO DA OCUPAÇÃO FEMINISTA DA REITORIA DA UFG**

**TODAS AS REIVINDICAÇÕES FORAM FORMULADAS POR MEIO DE ASSEMBLEIAS E DELIBERADAS DE FORMA DEMOCRÁTICA POR MULHERES, LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO O VOTO DA MAIORIA.**

**A OCUPAÇÃO NÃO ESTÁ APARELHADA A NENHUM PARTIDO OU ENTIDADE POLÍTICA ESTUDANTIL, OU SEJA, TRATA-SE DE UM MOVIMENTO HORIZONTAL.**

**FORAM LEVADAS EM CONSIDERAÇÃO A NECESSIDADE DE ABRANGER DIFERENTES GRUPOS ÉTNICOS, SOCIAIS E SEXUAIS.**

A ocupação feminista da Reitoria da Universidade Federal de Goiás (UFG), iniciada no dia 15 de junho de 2016, é um movimento que reivindica políticas e ações afirmativas de gênero e raça na UFG. No sentido de exigir a construção de uma universidade mais democrática, plural, horizontal e inclusiva. Lutamos contra a discriminação de gênero, sexual, étnico-racial e social. Repudiamos todas as formas de opressão. Exigimos que a UFG adote políticas para uma educação libertária, que promova o respeito aos direitos e a individualidade e diversidade de mulheres, pessoas negras, e integrantes da comunidade LGBT; para o combate ao assédio moral e sexual e promoção da segurança e da cidadania.

#### **- Melhor iluminação do campus**

Hoje, no Campus Samambaia, as luzes são apagadas às 19h. Reivindicamos que TODAS as luzes das ruas do Campus sejam ligadas a partir das 4h30, para atender às funcionárias terceirizadas, que iniciam seu turno de trabalho às 5 horas. Exigimos, também,

Accesse o material completo aqui:  
<https://goo.gl/AYjDCL>



## Anexo 2

Documento da nova Resolução Consuni N°12/2017, criado pelo Conselho Universitário da UFG.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

### RESOLUÇÃO CONSUNI N° 12/2017

Dispõe sobre normas e procedimentos a serem adotados em casos de assédio moral, sexual e quaisquer formas de preconceito, no âmbito da Universidade Federal de Goiás.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO e o CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, reunidos em sessão plenária realizada no dia 19 de maio de 2017, tendo em vista o que consta do processo número 23070.007499/2017-12,

#### RESOLVE:

**Art. 1º** Instituir normas e procedimentos a serem adotados em casos de assédio moral, sexual e quaisquer formas de preconceito, no âmbito da Universidade Federal de Goiás (UFG).

**Parágrafo único.** Nos termos desta Resolução, entende-se como âmbito da UFG qualquer local onde sejam desenvolvidas atividades da Instituição relacionadas a Ensino, Pesquisa, Extensão, Cultura e Administração.

**Art. 2º** Considera-se assédio moral a prática abusiva, explícita ou velada, que se manifesta por meio de gestos, palavras e atos e que desrespeita, de forma sistemática e frequente, a integridade física e/ou psicológica de uma pessoa ou grupo, na relação entre membros da comunidade universitária, tais como:

Acesse o material completo aqui:  
<https://goo.gl/xxFZYg>



### Anexo 3

Manifesto do coletivo Riot Grrrl, escrito por Kathleen Hanna na segunda edição da Zine Bikini Kill.

**What IS RIOT GRRRL?**

Riot grrrl is...

**start a Fucken HELP ME**

**BECAUSE** we will never meet the hierarchical BOY standards of talented, or cool, or smart. They are created to keep us out, and if we ever meet them they will change, or we will become tokens.

**BECAUSE** I need laughter and I need girl love. We need to build lines of communication so we can be more open and accessible to each other.

**BECAUSE** we are being divided by our labels and philosophies, and we need to accept and support each other as girls; acknowledging our different approaches to life and accepting all of them as valid.

**BECAUSE** in every form of media I see us/myself slapped, decapitated, laughed at, objectified, raped, trivialized, pushed, ignored, stereotyped, kicked, scorned, molested, silenced, invalidated, knifed, shot, choCked, and killed

**BECAUSE** I see the connectedness of all forms of oppression and I believe we need to fight them with this awareness...

**BECAUSE** a safe space needs to be created for girls where we can open our eyes and reach out to each other without being threatened by this sexist society and our day to day bullshit.

**BECAUSE** we need to acknowledge that our blood is being split; that right now a girl is being raped or battered and it might be me or you or your mom or the girl you sat next to on the bus last Tuesday, and she might be dead by the time you finish reading this. I am not making this up.

**BECAUSE** I can't smile when my girlfriends are dying inside. We are dying inside and we never even touch each other; we are supposed to hate each other.

**BECAUSE** I am still fucked up, I am still dealing with internalized racism, sexism, classism, homophobia, etc., and I don't want to do it alone. **BECAUSE** we need to talk to each other. Communication/inclusion is key. We will never know if we don't break the code of silence.

**BECAUSE** we girls want to create mediums that speak to US. We are tired of boy band after boy band, boy zine after boy zine, boy punk after boy punk after boy.

**BECAUSE** I am tired of these things happening to me; I'm not a fuck toy. I'm not a punching bag, I'm not a joke.

**BECAUSE** every time we pick up a pen, or an instrument, or get anything done, we are creating the revolution. We ARE the revolution.

No we are not paranoid.  
No we are not manhaters.

**RIOT GRRRL**  
Our zine is 19 +  
P.O. Box 1100Z 2 us  
WASHINGTON, D.C. stamps  
2008 (please no checks)

**FOR MORE info** →  
send \$ to

## Anexo 4

### Relato "Ela quis".

Acadêmica, 23 anos. Era sábado e já tinha bebido a tarde toda com meus amigos na minha casa. No fim do dia um outro amigo me liga para ir a um bar. Eu fui e lá estava outro amigo que sempre considerei um dos mais queridos. Continuei bebendo. Tenho vagas lembranças do meu professor sentar na mesa com a gente algum tempo depois e de nós conversarmos sobre algo que também não lembro. Acordei as 06:00 em um quarto espelhado no teto sem saber o que tinha acontecido. De vestido e sem calcinha. Na mesa do lado tinha um preservativo aberto. Do meu lado meu professor de 47 anos de idade, casado, sóbrio, sem roupa, dormindo. Acordei ele com empurrões e pedi pra levar em casa. Não trocamos uma palavra no carro. Quando chegou ele tentou me beijar, eu empurrei. Entrei em casa, acordei minha colega e contei aos prantos o que tinha acontecido. Guardamos isso. Nesse mesmo dia liguei para meu amigo para saber o que tinha acontecido no bar: “você ficou muito bêbada, mal conseguia andar. Eu ia te levar em casa mas o professor disse que estava indo embora e que te levava”. Continuei frequentando as aulas dele, que por sinal eram cheias de comentários sexuais, desde sempre. No início me culpei muito por isso, e tinha muito medo das pessoas ficarem sabendo. Depois de um tempo,

quando entendi o que aquilo tinha sido, decidi que ia denunciar, mas desisti quando vi a reportagem da estagiária de direito que denunciou seu chefe e foi encontrada morta dias depois. Eu tinha total certeza que meu professor era capaz de fazer o mesmo comigo. Hoje todos sabem da história, mas sabem na versão contada por ele gritada aos corredores: “ela quis”.

## Anexo 5

### Relato "Clube SINT-UFG".

36 anos. Sou aluna do curso de Ciências Sociais – Políticas Públicas da UFG. No dia 30/04/2018, segunda-feira, véspera de feriado, eu e um amigo, Marcus Vinícius do Prado Santos, morador da CEU – Samambaia, fomos ao clube do SINT-UFG. Como de costume ficamos ali na parte da piscina e quando deu o horário da sauna fomos para lá. Fiquei na frente da sauna conversando um pouco com meu amigo e me adentrei na sauna feminina a onde fechei a porta do hall de entrada, quando escuto a voz do meu amigo dizendo para alguém – sim é uma menina, é uma moça que está lá dentro. Escutei aquilo e fiquei logo pensando o que ocorreu, veio meu amigo e me chamou na sauna feminina e disse-me que tinha vindo um segurança questionando-o, se quem estava na sauna era homem ou mulher, já fiquei chocada, pois obviamente estava de biquíni como a maioria das mulheres, mas como ele não veio falar comigo deixei por isso mesmo. Porém quando fecho a porta de entrada da sauna e já estava para entrar propriamente na sauna, escuto a voz, que seria do segurança me chamando e batendo na porta da sauna e de cara já me perguntando se eu tinha genitália masculina? Perguntei três vezes, o que você está dizendo? E ele me pergunta por mais três vezes, você tem genitália masculina? Disse que

sim. No mesmo instante me pede para sair e se eu quiser ficar na sauna teria que ser na masculina. Questionando o motivo, haja vista, por eu estar vestida de biquíni com tudo “arrumadinho” lá embaixo, disse ele que ali era um clube de ambiente familiar e que as pessoas iriam se constranger com minha presença. Comecei a me irritar com aquela conversa, já estava “cega”, não falei, mas na hora pensei, também tenho família e seu eu fosse pra sauna masculina quem iria se constranger seria eu. Mas ele insistia, por fim eu disse que iria lá na sauna perguntar para alguém se a minha presença incomodava ou constrangeria alguém; porém a sauna estava vazia; voltei e disse a ele que estava vazia e que chegando alguma mulher não trans, iria questioná-la a respeito, ele se contentou pois nessa hora eu também já estava alterada, e se foi. Fiquei muito abalada, entrei na sauna e comecei a chorar muito, me perguntando várias coisas e sem saber o que fazer, pois esse foi o maior constrangimento, a maior transfobia que já havia passado em minha pequena história como pessoa trans. Depois conversando com meu amigo, ele me disse que já ocorreu outra situação bem parecida com a minha, com outra menina trans, moradora da CEU 2, do qual ele também estava presente. Passados alguns dias houve outra transfobia no clube SINT-UFG, outra mina trans também moradora da CEU 2 estando na suna foi também questionada sobre sua identidade, e de uma maneira maravilhosa tirou fora o bikini superior mostrando seus belos e farturentos seios, e disse: já que sou “homem” não preciso usá-lo, né.

Essa foi a história. Ocorreu que passados novamente alguns dias, todos os moradores das CEUs foram proibidos de frequentarem o clube, com a desculpa que estava havendo comportamentos inadequados da parte dos alunos/moradores das CEUs. Levei o assunto à PRAE, CIP e CAAF, não levando ainda à ouvidoria, que será levado com a participação do coletivo TransAção, cobrando esclarecimentos e as providências cabíveis de acordo com a RESOLUÇÃO CONSUNI N° 122017 da UFG.

**Tipografia** Minion, Rubik e Montserrat

**Miolo** Papel Offset 110 g/m<sup>2</sup>

**Capa** Papel Couchê Fosco 250 g/m<sup>2</sup>

**Formato** 20 x 20 cm